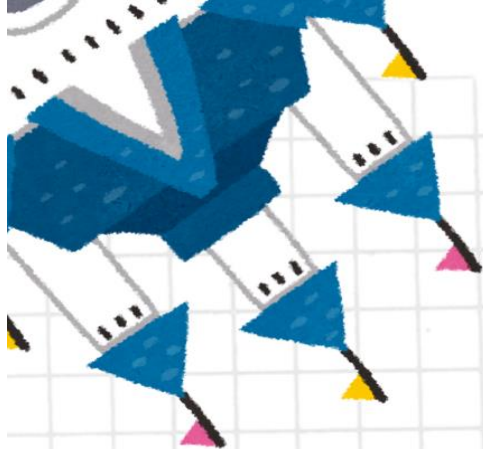




A CONTAÇÃO DOS CONTOS DE FADAS COMO FERRAMENTA
DE APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL: ANÁLISE
DAS CONTRIBUIÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO DA
CRIANÇA NO CEMEI BELCHIOR JORGE DE SÁ, EM NATAL,
RN

Mayara De Souza Lima



**A CONTAÇÃO DOS CONTOS DE
FADAS COMO FERRAMENTA
DE APRENDIZAGEM NA
EDUCAÇÃO INFANTIL:
ANÁLISE DAS CONTRIBUIÇÕES
PARA O DESENVOLVIMENTO
DA CRIANÇA NO CEMEI
BELCHIOR JORGE DE SÁ, EM
NATAL, RN**

**Todos os elementos dispostos em tal produção são de total responsabilidade
dos autores**

Licença Creative Commons Atribuição-SemDerivações 4.0 Internacional.

Comissão Editorial:

Dr Leonardo da Silva Alves

Dr Sérgio Ricardo da Costa Simplício

Es Michelly Rayane Romualdo Branco

Ms Alan Douglas Santiago

Dr Magno Alexon Bezerra Seabra

Esp. Marcos Vitor Costa Castellhano

Ms Maria José Bezerra da Silva

Profa. Dra. Karla Roberta Castro Pinheiro Alves

Ms José Fabio Bezerra da Silva.

Dr Lucas Gomes de Medeiros

Dr Hamilton José Werneck Mouta.

Dra. Lauriceia Galdino dos Santos

Dr. José de Sousa Campos Júnior

Esp. Damiana dos Santos Junqueira

*Nosso maior objetivo é construir meios significativos de difusão e distribuição de trabalhos acadêmicos
capazes de consolidar os enfoques científicos na contemporaneidade.*

Equipe da CTP

Mayara De Souza Lima

**A CONTAÇÃO DOS CONTOS DE
FADAS COMO FERRAMENTA DE
APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO
INFANTIL: ANÁLISE DAS
CONTRIBUIÇÕES PARA O
DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA
NO CEMEI BELCHIOR JORGE DE SÁ,
EM NATAL, RN**

1ª Edição

São Bento-PB

CTP Editora 2024

2024 Edição brasileira by CTP by
Autores Todos os direitos reservados
Contemporânea: Agência Educacional –
CTP - Editora
CNPJ: 46.679.708/0001-11
E-mail:
contemporaneasrtigos23@outlook.com
Contato: 83998400598
Site: contemporaneaassessoria.com/
São Bento-PB – Brasil

Editor-Chefe: Marcos Vitor Costa Castelhana
Diagramação: Marcos Vitor Costa Castelhana
Revisão de texto: Autores
Capa: Gabriela Gomes Maranhão
Produtor Editorial: José Fábio Bezerra da Silva

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

L732c Lima, Mayara De Souza.
A contação dos contos de fadas como ferramenta de
aprendizagem na educação infantil [livro eletrônico] : análise das
contribuições para o desenvolvimento da criança no CEMEI Belchior
Jorge de Sá, em Natal, RN / Mayara De Souza Lima. – São Bento,
PB: CTP Editora, 2024.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-65-83034-10-6

1. Educação infantil. 2. Contos de fadas. 3. Professores –
Formação. I. Título.

CDD 371.72

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

DOI: 10.36599/ctp-978-65-83034-10-6

A minha querida mãe Irene, ao meu esposo Guga, a minha irmã Marcilene e a minha avó Maria (in memoriam) por sempre me incentivarem e acreditarem na educação como ferramenta de mudança social. Dedico.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus por sempre me dar forças, esperança e condições de seguir lutando pelos meus sonhos.

Em segundo lugar, agradeço, à minha família, por sempre me incentivar, encorajar com palavras positivas e de apoio.

Ao meu orientador, por ser um incentivador e mediador na produção desse trabalho, corrigindo-me todas as vezes que foram necessárias e sendo um verdadeiro conselheiro.

Aos meus colegas de curso e professores por terem sido meus parceiros nesta experiência enriquecedora de conhecimentos.

PREFÁCIO

Este livro é uma construção pautada nos estudos e reflexões sobre a importância da leitura no processo de alfabetização . Em sua produção traz uma trajetória da vivência exitosa da professora Mayara de Souza Lima (pedagoga, psicopedagoga, com especialização em alfabetização e letramento, mestre em ciências da educação e graduanda em letras), com o título: A contação dos contos de fadas no processo da alfabetização infantil : uma experiência no CMEI Belchior Jorge de Sá , no município de Natal, RN.

Durante toda a narrativa é apresentada a motivação da autora sobre a contribuição da contação dos contos de fadas como caminhos de atratividade e mediação ao ato de ler com os pequenos. Pois, a vivência das crianças com os contos enriquecem o processo de aquisição do conhecimento da leitura pela conexão de vozes e imagens.

Essa obra é um convite a todos nós, conhecer através das experiências exitosas que os contos fortalecem o conhecimento e a imaginação ativa.

Eimar Raquel da Silva

Professor

“Mas há um tipo de animal mágico que não mora no mundo. Ele habita o quarto ou a casa de qualquer criança. Sua magia consiste em falar, em se movimentar, em ser um dos mais fiéis companheiros de seu dono.” (CORSO,2007, pg.197)

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	11
INTRODUÇÃO.....	13
1. A CONTAÇÃO DOS CONTOS DE FADAS: DO TRADICIONAL AO CONTEMPORÂNEO.....	17
1.1.A CONCEPÇÃO DA LINGUAGEM COMO GATILHO PARA IDEIAS E PENSAMENTOS NA COMUNICAÇÃO.....	21
1.2 A IMPORTÂNCIA DO MUNDO DA FANTASIA PARA AS CRIANÇAS.....	24
1.3 A CONTRIBUIÇÃO DOS CONTOS DE FADAS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO INFANTIL.....	26
1.4 OS CONTOS DE FADAS E O SEU VALOR.....	29
2. A CRIANÇA COMO NARRADORA.....	33
2.1 FASE EDIPIANA- COMO SOLUCIONAR?.....	38
2.2 OS CONTOS DE FADAS – MATURIDADE.....	43
2.3 O APRENDENTE E OS SEUS IDIOMAS.....	47
2.4 O INFANTE E A CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA.....	52
3. CONHECIMENTO APRISIONADO.....	55
3.1 A BASE EDUCACIONAL.....	55
3.2 OS PROBLEMAS DE APRENDIZAGENS: A INTELIGÊNCIA APRISIONADA.....	63
3.3 ANÁLISE DE ALGUNS CONTOS DE FADAS DOS IRMÃOS GRIM.....	67
3.3.1 A PALHA, O CARVÃO E O FEIJÃO.....	67
3.3.2 O RATO, O PÁSSARO A SALSICHA.....	69
3.4 A PSICOLOGIA NA REDENÇÃO DOS CONTOS DE FADAS.....	70
4. METODOLOGIA.....	75

4.1 LÓCUS DA PESQUISA.....	75
4.2 HISTÓRICO DA CRIAÇÃO.....	78
4.3 RECURSOS FÍSICOS DA ESCOLA.....	81
4.4 TIPO DE PESQUISA.....	81
4.5 MÉTODO DA PESQUISA.....	81
4.6 INSTRUMENTOS DE PESQUISA.....	83
5. ANÁLISE E RESOLUÇÃO DOS RESULTADOS.....	85
5.1 LOCAL DA PESQUISA.....	85
5.2. SUJEITOS DA PESQUISA.....	85
5.3 COLETA DE DADOS.....	86
CONCLUSÃO.....	99
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	101
SOBRE A AUTORA.....	105

APRESENTAÇÃO

Este trabalho visa abordar sobre a contação dos contos de fadas como ferramenta na alfabetização infantil no CEMEI BELCHIOR JORGE DE SÁ. No entanto, ao fundamentar que a alfabetização é possível, ao relatar os momentos de leitura compartilhada, objetivando a apreciação do ato de ler, através da contação dos contos de fadas, buscamos abrir uma discussão sobre a influência leitora das turmas de Educação Infantil no CEMEI BELCHIOR JORGE DE SÁ. Por outro lado, a grande necessidade de pontuar sobre a problemática sobre o tema já citado, tais como: analfabetismo; ineficácia no processo da alfabetização; falta de leitores ativos; déficit no letramento; carência no vocabulário das crianças; dificuldades leitoras e deficiência na interpretação textual tão presentes nas salas de aulas da alfabetização. Portanto, esse trabalho tem como objetivo geral analisar como a contação de contos de fadas na Educação Infantil contribui para o desenvolvimento integral, enfocando aspectos cognitivos, emocionais e sociais, e explorar sua influência na promoção da literatura infantil na base educacional. Fundamentar a importância da alfabetização e letramento, destacando práticas pedagógicas eficazes para o desenvolvimento inicial da linguagem escrita e leitura, especialmente para crianças não alfabetizadas e com diferentes níveis de letramento. E os objetivos específicos são: Identificar estratégias de ensino que atendam às diferentes necessidades de crianças não alfabetizadas e com distintos níveis de letramento, Analisar o papel da literatura infantil na base educacional, explorando como ela pode ser integrada de maneira efetiva para apoiar a alfabetização e letramento, Examinar a influência das práticas de contação de contos de fadas no desenvolvimento cognitivo, emocional e social das crianças na educação infantil, além de propor recomendações práticas para educadores e profissionais da educação visando otimizar a alfabetização e letramento na educação infantil. Ademais, a natureza da pesquisa é qualitativa e de campo, aplicada com os professores da escola CMEI Belchior Jorge de Sá, entre 25 e 40 anos de idade. A análise é fundamentada nos autores Bettelheim (2015), Mário e Diana Corso(2006) que retratam a psicanálise dos contos de fadas dos primórdios a atualidade. Portanto, esse trabalho busca somar em informações que contribuam com a escola envolvida e a sociedade que a envolve, além dos pesquisadores na área.

INTRODUÇÃO

Os contos de fadas iniciam com era uma vez e introduzem uma narrativa com os personagens como príncipes e princesas que se casam após vencerem o mal e finalmente somos consolados com os felizes para sempre. Um mundo da fantasia é apresentado ao infante e isto lhe possibilita uma compreensão melhor do mundo do qual ele faz parte.

Uma vez que, a magia lhe conduz a um novo mundo da imaginação e lhe possibilita uma nova história. Em que ela possa mudar a sua realidade a partir da leitura. As crianças têm suas histórias prediletas e obtêm prazer momentâneo a partir da criatividade oriunda da história.

Na verdade, os contos de fadas funcionam como uma válvula de escape para a fuga da sua realidade que na maioria das vezes, está associada aos problemas dos adultos. O que reflete em suas ações.

No entanto, este trabalho visa abordar A contação dos contos de fadas como ferramenta de aprendizagem na educação infantil: análise das contribuições para o desenvolvimento da criança no Cmei Belchior Jorge de Sá, em natal, RN. Sob esse viés, retratando o quanto a literatura é essencial para o amadurecimento literário das crianças. E que isto possibilita a conexão com o mundo das palavras e conseguinte, ao da leitura.

É comum dizer que no momento da leitura possibilitamos um elo com o mundo da fantasia e promover isto para o público infantil é único. Na experiência que tive na educação infantil pude perceber que a medida que contávamos uma história as crianças se sentiam motivadas a irem para escola, pois se sentiam despertas para a releitura e leitura dos contos.

Por outro lado, nem sempre foi assim. As crianças não possuíam espaços voltados para elas. E tão poucos eram compreendidos. O que as tornavam miniaturas de adultos. E ter uma literatura direcionada para o público infantil era um sonho inimaginável.

Até que Charles Perrault reuniu os relatos orais e transformou-os em contos de fadas na França, no século XVII. Mas só foi difundido no século XVIII pelos irmãos Grim. O que sugere uma desvalorização a literatura infantil. Mas, em seguida, veio Hans Christian Andersen, entretanto as histórias de Andersen seguiam outra vertente. Ele gostava de exibir que para conseguir algum objetivo, era preciso passar por provocações, por caminhos difíceis para poder chegar a fase boa.

A minha paixão pelos contos de fadas começou na infância quando eu assistia aos desenhos animados ou então, nas mais variadas vezes que eu visitava a biblioteca e me deliciava com a leitura dos contos em que a imaginação se permitia criar e recriar a partir das entre linhas.

Vale ressaltar que nesta pesquisa recorri aos autores, como: Bruno Bettelheim, Diana Liechtenstein Corso, Mario Corso, Magda Soares, Emília Ferreiro, Ana Teberosky, Sônia Kramer, entre outros.

Assim, esse trabalho traz o seguinte questionamento: considerando a contação de contos de fadas como ferramenta de aprendizagem na Educação Infantil e sua potencial influência no desenvolvimento integral da criança, com ênfase nos aspectos cognitivos, emocionais e sociais, qual é o impacto específico dessas práticas na promoção da alfabetização e letramento para crianças não alfabetizadas e com distintos níveis de letramento na base educacional?

Para isso, essa pesquisa tem como objetivo geral analisar como a contação de contos de fadas na Educação Infantil contribui para o desenvolvimento integral, enfocando aspectos cognitivos, emocionais e sociais, e explorar sua influência na promoção da literatura infantil na base educacional. Fundamentar a importância da alfabetização e letramento, destacando práticas pedagógicas eficazes para o desenvolvimento inicial da linguagem escrita e leitura, especialmente para crianças não alfabetizadas e com diferentes níveis de letramento. E como objetivos específicos: Identificar estratégias de ensino que atendam às diferentes necessidades de crianças não alfabetizadas e com distintos níveis de letramento, analisar o papel da literatura infantil na base educacional, explorando como ela pode ser integrada de maneira efetiva para apoiar a alfabetização e letramento, Examinar a influência das práticas de contação de contos de fadas no desenvolvimento cognitivo, emocional e social das crianças na educação infantil, além de propor recomendações práticas para

educadores e profissionais da educação visando otimizar a alfabetização e letramento na educação infantil.

Assim, este trabalho está dividido em 5 capítulos: no primeiro capítulo estão os conceitos teóricos em torno da contação dos contos de fadas do tradicional ao contemporâneo. Além disso, serão abordados o processo da aquisição da linguagem para a comunicação, o mundo da fantasia para as crianças, a contribuição dos contos de fadas para a alfabetização infantil e o valor deste gênero textual.

No segundo capítulo estão as reflexões sobre a criança como narradora, fase edipiana, a maturidade através do acesso a literatura, os idiomas do aprendente e a consciência fonológica.

No terceiro capítulo, serão apresentadas as abordagens como o conhecimento pode estar aprisionado, a base educacional e as habilidades trabalhadas em cada fase. Além disso, os problemas de aprendizagens que retém o conhecimento, sem falar nos irmãos Grim e as descobertas em torno do gênero, análises e contribuições. Finalizando com a psicologia na redenção dos contos de fadas.

No quarto capítulo, No quarto capítulo está a metodologia da pesquisa, mostrando o lócus, os sujeitos da pesquisa, bem como o passo a passo de como se deu a abordagem das entrevistas.

No quinto capítulo estão a análise e discussão dos resultados, apresentando os dados coletados na pesquisa, confrontando com pensamentos teóricos de grandes pesquisadores.

Portanto, este trabalho destaca como os relatos orais surgiram a sua influência no processo da aquisição da linguagem no infante, a transformação da mesma em narradora, a consciência fonológica, o conhecimento por vezes que pode ficar aprisionado e a maturidade alcançada.

1. A CONTAÇÃO DOS CONTOS DE FADAS: DO TRADICIONAL AO CONTEMPORÂNEO

Os contos fadas sempre atraíram diferentes públicos e, principalmente, o infantil, pois este liberta o seu imaginário através das histórias desde relatos as sessões de desenhos assistidas cuja a narração se introduz “era uma vez”.

Estas narrativas baseadas em relatos orais, da França ressaltavam orientações para as comunidades sobre os perigos que assolavam a sociedade. E não tinham o seu foco na formação do infante mas sim, chamar a atenção para os problemas sociais.

Segundo Corso e Coso (2006): “Este conto recolhido na França, por Charles Perrault, da tradição oral camponesa do século XVII, termina bruscamente aqui.” Posto isto, o precursor deste tipo de gênero textual foi Charles Perrault , mas foi difundida posteriormente, no século XVIII a partir das pesquisas realizadas na Alemanha, pelos irmãos Grimm. Vejamos:

“Longe de ocultar sua mensagem com símbolos, os contadores de histórias do século XVII, na França, retratavam um mundo de brutalidade nua e crua.”(DARTON,1996, pág.16)

O principal objetivo não era de prevenir as crianças dos perigos, mas sim, de ajudar os moradores das aldeias camponesas a passar o tempo nas longas noites de inverno. Eles, os contadores, retratavam a realidade sem nenhuma suavidade e, tão pouco eram destinadas as crianças.

“As modernas versões dos contos de fadas, que encantam tanto nossos antepassados quanto as crianças de hoje, datam do século XVIII. São tributárias da criação da família nuclear e da invenção do termo infância tal como conhecemos hoje. (CORSO e CORSO, 2006, Pág.16)”

Conforme a citação acima, a partir da criação do termo infância as narrativas tomaram um encanto para um mundo próprio da fase dos pequenos. Assim como, a magia da criação de cenários, personagens advindos da imaginação dos pequenos.

Por outro lado, os contos atuais possuem uma certa censura, um filtro. O que não é prejudicial para o público infantil. Esta suavidade presente nas histórias se mantém com o conteúdo da tradição oral.

Conforme Peixoto e Viana(2002), há suspeitas de que os contos de fadas tenham surgido antes da Idade Média. O que faz sentido, uma vez que, a versão que geralmente temos contato, são com os personagens, sendo: reis, rainhas, príncipes..

“É bastante visível nos temas, palavras, situações presentes nos contos de fadas. Neles estão presentes reis, rainhas, florestas e todo conjunto de características próprias do mundo feudal com a sua importância social delimitada. Os temas e as situações dos contos de fadas também retratam as condições de vida do mundo feudal. Isto é expresso claramente em O pequeno polegar e em João e Maria que contam a aventura de crianças que eram abandonadas na floresta os seus pais, devido a sua situação de miséria, o que era comum as famílias dos servos submetidos à exploração do senhor feudal.”

É importante ressaltar que este contexto revela a situação histórica que justamente influenciaram na história dos contos de fadas. Os temas abordados ilustram a situação de vida da idade Média. Nas histórias Tradicionais, como: O pequeno polegar e em João e Maria contam dramas de crianças desprezadas por seus pais, o que demonstra a crise financeira do País.

Por outro lado,

“ a partir da modernidade, começou a haver uma distinção entre produtos culturais para adultos e produtos para crianças, nosso tempo levou isso ao extremo, e cada idade passou a ter seus produtos bem delimitados.”(CORSO, 2006, Pág.26)

Eles defendem que na modernidade começou a separação de produtos culturais para adultos e para as crianças. O mercado evidencia o público alvo, considerando isso, segundo eles, a cultura produzida para a infância, seja produtos para bebês, crianças pequenas, em fase escolar, pré-adolescentes a adultos.

“Hoje eles fazem parte da educação desejável, assim como aprender a contar e se alfabetizar, e é impensável que uma criança cresça em um ambiente estimulador sem ter entrado em contato jamais com chapeuzinho vermelho, João e Maria ou Bela Adormecida. Nem que seja intuitivamente, a maior parte das pessoas que acredita que essa tradição tem algo a dizer.”(CORSO e CORSO, 2006,Pág.27)

Mesmo sabendo que várias histórias caíram no esquecimento por, justamente, se referirem a problemas da época, como: fertilidade, problemas da natureza que refletem rituais ou relatos folclóricos em desusos.

Aproximando-se do folclore de vários países, é possível constatar que certas histórias, clássicas para nós, na verdade, constituem apenas um arranjo particular que encontrou uma forma feliz, fez eco numa certa comunidade e teve a sorte de ser preservado. Não é incomum encontrarmos nas compilações de histórias folclóricas, de distintas nacionalidades, contos que começam como o nosso conhecido Branca de Neve, seguem com ares de A Bela e a Fera e terminam igual ao de Cinderela. (CORSO e CORSO. 2006. Pág.27)

Sabemos que os contos se aproximam do folclore de vários países e que são diversas as versões e o que dificulta a preservação da sua história, além da manipulação do final feliz. Sendo assim, existem uma grande quantidade de compilações das histórias clássicas e que possibilitam tantas interpretações das mais variadas versões que os leitores tem contato.

Essas mais variadas versões eram narradas pelos folcloristas concebidas como mitos eram reunidas em um acervo de contos que foram guardados e perdidos no decorrer do tempo, mas a sua essência de duplicidade de sentidos foram preservadas de maneira atemporal.

Vale lembrar que até hoje eles se mantêm presentes nas nossas vidas e que as crianças veem as suas realidades e conflitos refletidos nas entre linhas do conto que instiga, reflete, provoca diversas emoções e ao mesmo tempo abre as portas para o faz de conta infantil, onde os infantes esquecem qualquer impedimento e se permitem brincar de ser um personagem.

Corso (2006) afirma: “ que fica de um conto para a criança é o que ele fez reverberar na sua subjetividade, aliado ao fato de como chegou até ela.” A subjetividade proporcionada na leitura ocorre de maneira espontânea e figura uma autonomia sobre a interpretação de ideias provocadas pelo narrador e autor, além das trocas de comunicação pelo adulto e a criança que ao realizarem leituras fixarão ideias e experiências vividas naquela narrativa.

O importante é termos claro que a criança é garimpeira, está sempre buscando pepitas no meio do cascalho numeroso que lhe é servido pela vida. A relação de infância com as histórias fantásticas é antiga e

sólida, o que nos leva à convicção de que essa ficção é preciosa para mentes jovens.(CORSO e CORSO, 2006, pág. 29)

Dito isso vemos como este grampo das influências validam uma vida de leituras. Infantes que leem constroem releituras fantásticas. E com a mente fértil é valiosa para os jovens protagonistas que tiveram uma boa base com contação de histórias e aguçamento da mente sob uma perspectiva criativa e promovida pela autonomia da curiosidade.

Quanto adultos já se lembraram de momentos em que quando pequenos ouviram ou leram um conto e que lhe marcou positivamente. A arte das letras permitem diversas emoções ao contato com o ato de ler, ler vai além da palavra e inferir pensamentos e emoções nos provoca a inteligência emocional.

Sabemos que as técnicas de transmissão destas histórias recorrem ao imaginário das crianças em meio a tantas tecnologias e estimulam a criatividade, imaginação destes leitores. O que se presume uma estimulação cognitiva na prática de interpretação de texto e a efetiva o alfabetizar letrando.

Faz-se necessário dizer como os pequenos leitores são curiosos e lapidam a história de modo a reunir nas suas coletâneas as versões e mitos na qual se reconheceram. Além de criar e recriar possibilidades e inferir ideias que constituem experiências e se reúnem ao seu conhecimento de mundo. Essas coletâneas permeiam o campo psicanalítico na fantasia, solução de ideais conflituosas, formação da personalidade e a inteligência emocional.

A subjetividade dos aparatos tecnológicos não satisfazem aos infantes na busca pela emoção e a sensação que um bom mistério traz. Eles acrescentam e recriam as suas próprias histórias. Sendo assim, os mesmos também são apaixonados pelas próprias sensações desencadeadas pelo mistério, como o medo. O medo está equiparado ao mistério ou a religião. O que também promove no corpo um alerta para proteção contra a morte ou situação de risco.

Vale ressaltar como essas sensações são úteis para a sobrevivência num mundo cheio de violência e maldade em que vivemos. O que revela uma expansão da visão de mundo e, sobretudo, um preparo para a vida. Este encontro com o medo

já citado anteriormente visa fazer com que os pequeninos enfrentem os seus anseios e resolvam os seus conflitos internos, gradativamente.

Podemos perceber como nos contos de fadas os personagens se apresentam como as madrastas invejosas em Branca de Neve e Cinderela, por exemplo- intrigam as crianças porque fogem do esperado amor materno, causando rivalidade entre as personagens envolvidas na trama. Há também por quem goste da narrativa de abandono causados pelas mães/ madrastas como nas linhas de João e Maria e Pequeno Polegar- multiplicidade de sentidos envoltos no amor materno. Contar e ouvir histórias permitem a evolução da imaginação como ponto de referência para a formação da identidade.

1.1.A CONCEPÇÃO DA LINGUAGEM COMO GATILHO PARA IDEIAS E PENSAMENTOS NA COMUNICAÇÃO

Para o dicionário Aurélio (2002) o conceito de linguagem é:

“Faculdade que têm as pessoas de se comunicar umas com as outras, exprimindo pensamentos e sentimentos por palavras, que podem ser escritas, quando necessário. Maneira de falar, relativamente às expressões, ao estilo: linguagem obscura. Voz, grito, canto dos animais: linguagem dos papagaios. Modo de se exprimir por meio de símbolos, formas artísticas etc.: a linguagem do cinema.”

O ser humano possui a necessidade de estabelecer a comunicação. Pois, para ele promover isto o torna compreendido. Além de, servir como registro histórico. Esta necessidade vem desde das primeiras relações de comunicação humana. De acordo com Bordini, Aguiar (1988, p.9):

“É através da linguagem que o homem se reconhece como humano, pois pode se comunicar com os outros homens e trocar experiências. Existe, porém, uma condição prévia para a manifestação da linguagem: é preciso haver um grupo humano, no qual o sujeito se confronte com o conjunto e se perceba como indivíduo. É, portanto, na convivência social que nascem as linguagens, conforme as necessidades de intercâmbio.”

Considerando o que Bordini defende para haver a comunicação é preciso interação e nesta relação social se promove a linguagem. Já para London, a linguagem pode ser estabelecida bem antes do vocabulário, seja por: gestos, expressões..em seu livro: “Antes de Adão” , London simula a comunicação perante um conflito. Vamos conferir como esta situação procede no trecho, abaixo:

“[] olho-vermelho urrou de raiva. Considerava uma ofensa que alguém da tribo ousasse enfrenta-lo. Estendeu a mão e agarrou capenga pelo o pescoço. Este fincou os dentes no braço de olho-vermelho, mas, no instante seguinte, debatia-se e contorcia-se no chão com o pescoço quebrado. A cantora gritava fazendo alarido. Olho-vermelho pegou-a pelos cabelos e a arrastou para a sua caverna. Segurando- a grosseiramente a subir, arrastou-a e empurrou-a para dentro da sua caverna. Estávamos furiosos louca e vociferadamente furiosos. Batendo no peito, eriçando o peito e arreganhando os dentes, nos unimos em nossa fúria. Fomos movidos pelo instinto gregário e unimo-nos para uma ação em conjunto, num impulso de cooperação. De uma maneira sutil essa necessidade de nos unirmos era uma imposição para nós. Mas não havia como alcançar este objetivo, pois não tínhamos como expressá-lo. Não nos unimos para destruir olho-vermelho porque nos faltava um vocabulário. Tínhamos pensamentos vagos para os quais não havia símbolos. Estes signos linguísticos ainda estavam para ser lenta e penosamente inventados. Tentamos emitir sons que comunicassem os vagos pensamentos que passavam rapidamente como sombras por nossas consciências. O Pelado começou a rilhar os dentes bem alto. Com esses ruídos, expressava sua raiva contra Olho-vermelho e o desejo de feri-lo. Foi isso que ele transmitiu e assim o entendemos. Mas, quando tentou transmitir o impulso de cooperação que se movia nele, os ruídos tornaram-se confusos. (LONDON,1999, pp.131-2).”

Como podemos perceber London retrata em seu livro as condições dos homens quando ainda não tinham o poder da fala para estabelecer soluções e acordos. No trecho, acima, Olho-vermelho considerou uma ofensa outro da tribo enfrenta-lo e, não hesitou em avançar sobre Capenga. Ao ver os dois brigando Cantora pôs a gritar. O que sobrou para ela. Demonstrando também a relação de violência contra a mulher.

De fato, como podemos observar a linguagem está presente em diversas situações e isto possibilita a necessidade da comunicação. Por exemplo as crianças em suas brincadeiras com as demais utilizam desta ferramenta, mas também estão atentas a pronuncia e se alguma delas está na fase de desenvolvimento e atropela ou engole alguma letra elas detectarão e repreenderão o seu coleguinha. Podemos acompanhar uma situação exemplificada por Isabel Solé(1998, pág.53):

“A.(mostrando a bola para Guillem): Mia, aiem, mia que tinc Jo!”(É minha, aiem, eu que estou segurando!)

G.(visivelmente confuso): No me dic aiem , me dic Guillem, Jo!” (Não me chamo Aiem, me chamo Guillem!)

(Dirigindo-se a um adulto que está por perto): No ho as dir, és petita..”(Não sabe falar, é pequena...)”

Como podemos observar as duas crianças Guillem e Anna em sua brincadeira com a bola: O menino Guillem fica desapontado porque a sua amiga Anna não sabe pronunciar o seu nome da maneira que ele acha que é certo. E, depois comenta com um adulto sobre a sua conclusão de que a menina ainda é muito pequena.

Para Isabel Solé (1996) esta situação acima também revela que os infantes além de possuírem o poder da linguagem, adquirem a reflexão sobre o seu uso e de uma maneira espontânea.

“O ato de aprender a ler e a escrever deve começar a partir de uma compreensão muito abrangente do ato de ler o mundo, coisa que os seres humanos fazem antes de ler a palavra. Até mesmo historicamente, os seres humanos primeiro mudaram o mundo, depois revelaram o mundo e, a seguir escreveram as palavras. Esses são momentos da história, os seres humanos não começaram por nomear A! F! N! começaram por libertar a mão e apossar-se do mundo.”(FREIRE, Paulo. 2011, pág.21)

De acordo com Freire para ler as palavras são necessários entender os seus significantes para relacionar aos seus significados e, assim viajar pela literatura decifrando letras, desvendando enigmas e acima de tudo, compreender o mundo. Vale ressaltar, que como ele revelou no trecho acima “os seres humanos não começaram por nomear A! F! N! começaram por libertar a mão e apossar-se do mundo.”

No entanto, as autoras Ferreiro (1979) Ferreiro e Teberoski (1979) a criança possui um conhecimento sobre a sua convivência com a escrita e a relação entre a mesma com a linguagem falada. Vejamos o exemplo, a seguir:

Aleix aprendeu a ler durante a primeira série do ciclo inicial. Um dia, no carro indo para a escola, pergunta a mãe: Mamãe, por que dizemos ‘elcortinglés’”. A mãe não acostumada a este tipo de pergunta tão cedo , e no meio do trânsito, entende mal a pergunta e responde que muita gente frequenta essa loja para comprar, que é um lugar famoso, etc.. Aleix insiste: Mas todo mundo diz ‘elcortinglés’”. ”Bem, filho, também podem ir a outro lugar..”Aleix desiste momentaneamente, diante da evidente incapacidade da mãe em compreendê-lo. Ela continua lutando com o trânsito, até que, parados em um sinal, Aleix aponta

para um outdoor e exclama: “olhe está vendo? Escrevem el corte inglês(o corte inglês) [separando exageradamente as palavras] ,mas nós falamos errado, falamos ‘elcortingles””(SOLÉ, isabel. 1996,p.54)

Para a autora supra citada, a criança da historinha acima pode distinguir a linguagem escrita da falada e convencer a sua mãe de que estava certa, a partir das suas perguntas insistentes. Mas temos que considerar que não só o texto, nem muito menos o leitor precisam ter sentido,

“..mas na interação autor-texto-leitor.[...] A pluralidade de leituras e de sentidos pode ser maior ou menor dependendo do texto, do modo como foi constituído, do que foi explicitamente revelado e do que foi implicitamente sugerido, por um lado; da ativação, por parte do leitor, de conhecimentos de natureza diversa[...] e de sua atitude cooperativa perante o texto, por outro lado. (KOCH; Elias, 2006.p.21-22)”

Sendo assim, conforme fora citado anteriormente por Elias (2006) há diversas leituras que podem ser realizadas: a decodificação, o que lhe foi proposto e o que foi compreendido por meio das entrelinhas. O que sugere como as inferências podem interferir no ato cooperativo entre o leitor e o seu objeto de leitura, o livro. Partindo deste pressuposto, o ato de ler necessita de uma boa conexão entre as palavras mencionadas pelo autor e o leitor que decodificará de maneira crítica sobre o que lhe foi sugerido.

1.2 A IMPORTÂNCIA DO MUNDO DA FANTASIA PARA AS CRIANÇAS

A fantasia faz parte da identidade da criança e neste mundinho situado em meio a tantas surpresas mora a chave das comunicações e e de expressões como defende Corso (2006), a seguir:“...Nossas crianças continuam em seu próprio universo de mistérios, que sobrevive à aparente transparência da era das comunicações com seu imperativo de tudo mostrar, tudo dizer, tudo exhibir ”

Conforme a citação a cima, o mistério chama a atenção das crianças. E, além disso, as crianças tem a necessidade da comunicação. A leitura, através da imaginação promove esta ligação com o imaginário.

Este mundo tem toda esta responsabilidade de trazer toda esta riqueza de detalhes para as crianças. Pois a fantasia promove um deslocamento de lugares sem ao menos sair do lugar.

“Já os contos maravilhosos não precisam ser tão delicados, podem tratar os assuntos com mais crueza, graças ao distanciamento que a fantasia oportuniza, talvez devam a isso sua longevidade. (CORSO e CORSO,pág.39 e 40)”

Segundo Bettelheim (2015) em “*Psicanálise dos contos de fadas*” as crianças acreditam nos contos porque o que lhe é apresentado é semelhante a sua realidade. Ainda de acordo com o autor, a sua imaginação encarrega-se de trazer para a sua vida aquilo que a história confrontou.

No entanto, o mundo inanimado é anunciado para os pequenos leitores. O que se aplica em suas relações com os objetos ou brinquedos em casa. Ou seja: “ela acaricia, como faria com a sua mãe, as coisas bonitas que lhe agradam; ela golpeia a porta que se fechou sobre si”. (BETTELHEIM, 2015, pag.67)

Para tanto, este pensamento animista permanece com a criança até a fase da puberdade, segundo Piaget. Para o autor supra citado, “a criança de oito anos imagina que o sol está vivo porque dá luz. Assim como, a pedra está viva porque pode se mover...”

Para a criança é aceitável aceitar as respostas dos objetos que despertam a sua curiosidade, conforme Bettelheim (2015, pág.69). O que revela não só o pensamento animista, mas o heroísmo dado a este objeto ou animais. Ele destaca também a ausência da linha traçada entre as coisas vivas e mortas, o que as tornam vivas. Uma vez que, isto demonstra a insegurança quanto a sua existência.

“A criança se pergunta: quem sou eu? De onde eu vim? Como surgiu o mundo? Quem criou o homem e todos os animais? Qual é o sentido da vida?”(BETTELHEIM, BRUNO. *Psicanálise dos contos de fadas*. Pág.69)

Além disso, ele defende que os contos de fadas lhe darão respostas para estas indagações e que, para muitas, é necessário que acompanhem as histórias. E explica que estas respostas são antes fantásticas do que verdadeiras porque, para muitos adultos, isto lhes parecem incorretos. Porém, para BETTELHEIM (2015, PÁG.71) se

isto lhes for roubado: “ A consequência é que as crianças passam a desconfiar de sua própria experiência e, por conseguinte, de si próprias e do que suas mentes podem fazer por elas.” O que denota a carência das habilidades da imaginação e criatividade ao impedir o acesso a leitura deste gênero, em especial.

Para os autores Diana Lichtenstein Corso e Mário Corso (2006, pág.166) o conto ideal deveria ser narrado e não ilustrado. Pois para eles isto retira a essência da fantasia e a sua capacidade de criar é afetada.

No entanto, para prender a atenção de uma criança com a história devemos despertar a sua curiosidade. Mas também, segundo Bettelheim (2015): “para enriquecer a sua vida, deve estimular-lhe a imaginação, ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras as suas emoções.”

Segundo o autor supracitado, a imaginação é uma aliada a vida da criança. Ela surge como auxílio para a sua inteligência e, por sua vez, reflete na sua inteligência emocional. As mais variadas emoções podem ser compreendidas através das narrativas dos contos de fadas que atendem o imaginário e com histórias fictícias mas baseadas nos problemas sociais de uma época que até hoje refletem nas problemáticas da sociedade atual, tais como: abandono, fome, traição, inveja, entre outros.

1.3 A CONTRIBUIÇÃO DOS CONTOS DE FADAS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO INFANTIL

A educação infantil possui uma responsabilidade na formação do novo leitor. E para isto, é necessário que a escola tenha uma pedagogia voltada para este direcionamento.

“Este papel da educação infantil na formação do leitor se vincula na inserção das crianças na cultura escrita, à alfabetização, meta dos primeiros anos do ensino fundamental, uma alfabetização entendida como entrada no mundo da escrita, ação cultural para a liberdade, prática de liberdade (FREIRE,1982a, 1982b)”

Como Freire ressalta a cima, a leitura procede a escrita e isto faz parte do processo de alfabetização e assim, amadurecimento da escrita. A literatura influencia a escrita e deste modo, promove autonomia ao escritor e leitor iniciante.

Por outro lado, o papel do professor no âmbito escolar é justamente escolher o material de leitura, considerando, os livros disponíveis na biblioteca da escola, assim como, as especificidades da turma, gostos, tempo a ser destinado para esta prática.

“O papel do professor e de outros mediadores da leitura é fundamental desde o momento da seleção dos textos e materiais de leitura_ em diferentes suportes(livros, revistas, jornais, recortes, cartas, e-mails, blogs, cartazes, panfletos, bulas, etc) e numa diversidade de gêneros (literários, jornalísticos, científicos , publicitários, epistolares, etc.(MACIEL, 2010, pág.33)”

Como revela a citação acima, o planejamento é essencial para o resultado esperado de um bom trabalho docente. Independente, do nível da turma, planejar é considerar que a educação pode transformar a realidade de uma nação.

Para Piaget, (KRAMER, Sônia. *Alfabetização, leitura e escrita*. 2010. Pág.121) a linguagem é fundamental como passaporte para a sociedade. Ela o conecta com a comunicação. A linguagem está ligada ao pensamento. E este só se socializa a partir da fase egocêntrica. Esta fase descrita por ele, relaciona a característica das crianças falarem ao mesmo tempo e como também, dizerem o que estão fazendo.

Já para Vigotsky (KRAMER, Sônia. *Alfabetização, leitura e escrita*. 2010. Pág.121) a linguagem é social e socializada. Pois a linguagem “é a troca e a compreensão dos significados, seja por gestos, olhares, choros, palavras.”

O que ressalta a importância destes dois eixos: linguagem e alfabetização na escrita. Sônia Kramer (2010, pág.122) revela que a leitura é exemplo porque: “assim como é possível que eu, professora, torne minhas crianças leitoras e escritoras se não sou leitora e escritora?”

“A linguagem não é importante apenas pra que a criança passe de ano, se alfabetize. A linguagem é importante porque ela é o que faz de nós seres humanos capazes de fazer a história e de contar a história usando a nossa língua.” (KRAMER, 2010, Pág.124)

É importante enfatizar a fala da educadora Sônia ao revelar a importância da linguagem para ouvir e contar histórias e não, apenas, para que ela seja aprovada e se alfabetize. Ela também ressalta o potencial criativo do professor. Alguns docentes trazem uma bagagem com experiências o que revela uma ampliação da linguagem. Além do seu papel como sujeitos produtores de histórias.

Por outro lado, a escritora e professora Elizabeth Baldi defende em seu livro: “Leitura nas séries iniciais” (2009, pág.133) que os contos de fadas são popularizados e isto, segundo a autora, contribui para o desenvolvimento da capacidade de leitura. Ela também afirma que podemos trabalhar com as crianças que já assimilaram o código, mas que ainda falta trabalhar: fluência, clareza, entonação e expressividade, como também compreensão textual.

Vale destacar que, segundo a autora supra citada, poderemos trabalhar também o reconto das histórias lidas, trabalhando os elementos: personagens, suas qualidades, ambiente, tempo, narrador, estrutura textual e linguagem.

É certo que, além destas habilidades, não podemos deixar de observar o desenvolvimento da escrita proposto por Emília Ferreiro, seja: pré-silábico, silábico, silábico- alfabético e alfabético. Claro que não devemos estigmatizar as crianças como “menos inteligentes ou mais inteligentes”, o que defende Sônia Kramer em seu livro “Alfabetização, leitura e escrita” (2000, pág.131):

“Ouço e me indigno, porque isso é muito parecido com dizer esses são os fracos, os médios, esses os fortes, os que vão devagarinho e os que andam depressa, os que não aprendem e os que aprendem. Triste vício esse da educação de mudar as aparências para nada mudar.

Kramer (2010) sugere que vejamos o conhecimento como algo a ser rompido e em evolução. E complementa com a suposição que dois grandes autores, como: Piaget e Vygotsky concordariam que para se ter escritos na sala é necessário termos experiência de leitura e produção de escrita. Porque:

“Quando lemos os jornais e nos inteiramos de milhares de acontecimentos que não pudemos presenciar pessoalmente, quando em crianças estudamos Geografia e História; quando sabemos por carta o que acontece a outra pessoa, em todos os casos nossa fantasia ajuda a nossa experiência” (VYGOTSKY, 1987b, p.20)

Para o autor acima a fantasia surge como uma habilidade de compreensão leitora fluida que visa auxiliar a criança a compreender o mundo que a rodeia, formulando inferências e suposições que atenderão o seu lado criativo, controle das emoções e de julgamento de valor.

Por outro lado, a pesquisa se fundamenta em Diana Linchtentein Corso e Mario Corso(2006), Robert Darnton (1996), Peixoto e Viana (2002) mas também , discorri ideias sobre a linguagem como gatilho para ideias e pensamentos na comunicação utilizei de base Aurélio(2002); Aguiar Bordini (1988); London(1999). Consequente, apresentei argumentos sobre a importância do mundo da fantasia para as crianças, inspirados em: Corso(2006), Bettelheim(2015). Vale ressaltar a contribuição dos contos de fadas no processo de alfabetização inspirados em Freire(1982), Maciel(2010), Piaget(2010), Vigotski(2010); Kramer(2010); Elizabeth Baldi(2009); Ferreira(1982); Vigotski(1987) . Todos auxiliam na pesquisa de literatura, qualitativa, quantitativa e de cunho descritiva sobre a problemática existente que se refere a contação de contos de fadas como ferramenta de aprendizagem na Educação Infantil e sua potencial influência no desenvolvimento integral da criança, com ênfase nos aspectos cognitivos, emocionais e sociais, qual é o impacto específico dessas práticas na promoção da alfabetização e letramento para crianças não alfabetizadas e com distintos níveis de letramento na base educacional?

Sobretudo, vale enfatizar que a pesquisa bibliográfica buscará servir de base de sustentação para o planejamento para que esta corresponda a expectativa em torno da solução do problema em destaque. Desse modo, permearei sobre a temática de forma contribuir e alcançar os objetivos propostos que cercam os contos de fadas e as suas contribuições psicológicas, sociais, alfabetização e letramento.

1.4 OS CONTOS DE FADAS E O SEU VALOR

As contações de histórias surtem como metáforas que representam diferentes contextos, lugares, ângulos de se ver a realidade, experiências que revelam também distintas épocas e modos de viver, mas que se fazem tão presentes na atualidade.

Essa bagagem literária permite um leque de possibilidades de reações para as adversidades ao mesmo tempo que controlam as emoções.

Sabe-se que uma mente ativa e flexível possui controle das suas próprias ações e para isso é necessário uma boa base na infância. O acervo literário vem em auxílio do improvável da vida em situações em que temos que ativar a inteligência emocional em momentos adversos a nossa vontade. O que presume que tenhamos tido um contato satisfatório com a literatura.

A crença no poder da imaginação é crer que entre as palavras há magia. Essa mágica traz para o leitor que como um decodificador de palavras o possibilitará escrever a sua própria história. História que poderá ser lida e servir de inspiração para os demais que tiverem acesso ao fruto do seu conhecimento e reflexo das suas leituras experimentadas.

É verdade que leitura tem que ser vivida e os contos de fadas são na verdade um passaporte para uma viagem na fantasia que vai atender as suas inquietudes presas no inconsciente que serão reveladas através das inferências apreendidas pelas suas vivências que estão ligadas ao conhecimento empírico.

É válido dizer que compartilhar leituras e ler o tornará alguém especial em entender o mundo sobre uma perspectiva metafórica e que os problemas não dependem do outro para se resolver, mas sim do meu ponto de vista de encará-lo sobre um novo olhar a fim de desbravar o que me parece um bicho de sete cabeças, mas não é. Sabemos que as crianças são massinhas de modelar e crescer num ideal de exercer domínio sobre o conhecimento e o seu produto é nada agradável e por isso que devemos enfrentá-lo.

Sobretudo compreender que o mundo a quem pertencemos possui diversos gêneros e interpretações que geram habilidades ou inabilidades em muitos nos faz perceber que esta diversidade é o que torna a literatura tão necessária na vida das pessoas.

Corso (2006,pág.304): “Graças amentes onívoras, foi possível constatar que ainda há lugar para novas e velhas personagens, cada uma com uma missão a cumprir”. De acordo com o autor supracitado graças a grandes personagens hoje

temos contato com grandes histórias que se propriamente infantil”” presentes em qualquer de maneira atemporal encantando os mais variados públicos.

Corso (2006): “podemos nos dizer satisfeitos com as produções dos séculos XIX e XX para as crianças, até porque foi nessa época que se inventou a ficção “. Conforme foi citado anteriormente a ficção narrativa se estabelece nos séculos XIX e XX e proporciona um texto voltado para o público infantil e assuntos da época, mas também vem atender as necessidades de todos os leitores pela imaginação.

A imaginação surge como um alívio para a rotina pesada com deveres e problemas sendo o alívio e descontração para uma vida adulta que muitas vezes sufoca quem está sobrecarregado de demandas, a fantasia vem atender como lazer para aliviar as ideias nebulosas. A literatura chega com suavidade para os leitores ativos.

Por outro lado educar uma criança é suprir as suas carências e verter do mais supremo amor no cuidado e instrução. Ao disponibilizar o livro isso está sendo ofertado o que revela um direção a sua caixinha de inteligência emocional e, gerar consequentemente, uma estabilidade emocional na vida deste pequeno ser em formação.

Além disso, favorecer a possibilidade de acesso impacta na vida do pequeno que busca referências e em sua bagagem agrega experiências psicológicas, interpretação textual, inferência sobre o seu espaço e a época que envolve o indivíduo. O sujeito se torna protagonista da sua história a medida que se descobre como o ser crítico e participativo na sociedade.

Sem falar que o faz de conta realizado pelo infante o torna independente no processo de fala, criação e recriação de narrativas que permeiam o contexto infantil há décadas. Isso só revela o quanto a camada social ainda não tem acesso a livros , o que dificulta a difusão literária.

A literatura permeia o espaço desde a bula até o conto de fadas, o ultimo ganhou a simpatia das crianças seja pela ficção que retrata temas tão presentes na atualidade ou por retratar o vilão, a princesa, príncipes, reis e rainhas, desenhando o contexto da Idade Média. O que espelha o quanto o texto literário é primordial para

criar conceitos e revê-los sob a perspectiva do olhar decodificador de símbolos e subir conceitos tão essenciais para formar um leitor consciente e majestoso no seu perfil .

Os diferentes perfis de leitores procuram terem seus desejos ou expectativas supridas ao correr os olhos nas linhas das páginas dos livros de literatura infantil e atender este imaginário é visar uma expansão de ideias que vem sendo agregadas ao longo do tempo. Ambos leitores buscam preencher carências, conflitos, dúvidas e receber respostas para os seus questionamentos mais secretos.

A área de julgamento de valor em um pequeno é estimulado com a prática leitora, sobretudo, a sua escrita e fala, agregadas, auxiliam da exposição do pensamento e conseguinte geram autonomia tão necessária para a escrita ocorrer. Essa capacidade de raciocínio vem da interação e o desenvolvimento dos conceitos linguísticos revelados e maturizados na vivência e provocação de narrativas com narradores de todas as idades.

Narrar e imaginar o que vem por trás das palavras são multitarefas atribuídas ao leitor pontual que se permite criar falas e oscilar entre entonações que ganham espaço na vida dos alunos que se divertem com uma leitura descontraída ou com novas versões que expõem uma atualização das ideias e narrações.

Um docente contador de histórias incentiva a sua turma a viver uma história. Viajar será sempre uma boa opção e o embarque é apenas tendo o passaporte do livro que é oportuno como que um portal fosse aberto para todos e deixassem fluir o título de escritor do seu próprio papel.

A autonomia adquirida pelos contos favorece uma realização de atividades mais independente, interpretativa que influi sobre o modo de pensar e receber o conteúdo como mero objeto a ser decifrado. O Conhecimento está pra ser palpável numa dimensão de que deixará de ser abstrato para se tornar concreto.

Essa reconfiguração de fatos revelam como o conhecimento não fica pronto, mas sim inacabado a proporção que nos possibilitamos passar as páginas e deixarmos a leitura surgir. A fim de configurarmos preceitos que surgem como ideais que fixam no nosso inconsciente e estabelecem conexões com os neurônios, sinapses.

2. A CRIANÇA COMO NARRADORA

A criança assume diversos papéis a partir do ato de ler e narrar é um destes papéis vinculado ao faz de conta. O faz de conta cria um paralelo entre o enredo e a interpretação do pequeno e quando este assume o controle da narrativa temos uma criança como narradora. Vejamos o fragmento do conto da Chapeuzinho Vermelho (PERRAULT, Charles, século XVIII)

Certo dia, a mãe de uma menina mandou que ela levasse um pouco de pão e leite para a sua avó. Quando caminhava pela floresta, um lobo aproximou-se e perguntou-lhe onde ia. _para a casa da vovó. _Por qual caminho, o dos alfinetes ou o das agulhas? _ O das agulhas. O lobo seguiu pelo caminho dos alfinetes e chegou primeiro a casa. Matou a vó, despejou seu sangue numa garrafa, cortou a carne em fatias e colocou numa travessa. Depois, vestiu sua roupa de dormir e deitou-se na cama, à espera. Pa, pam. _Entre, querida. _Olá, vovó. Trouxe um pouco de pão e leite. _Sirva-se também, querida. Há carne e vinho na copa. A menina comeu o que foi oferecido, enquanto um gatinho dizia: “menina perdida! comer a carne e beber o sangue da avó!” Então, o lobo disse: _Tire a roupa e deite-se comigo. - Onde ponho meu avental? _Jogue no fogo, você não vai precisar mais dele. Pra cada peça de roupa (...) a menina fazia a mesma pergunta, e a cada vez o lobo respondia: _Jogue no fogo...(etc) Quando a menina se deitou na cama disse: _ Ah, vovó! Como você é peluda! _ É para me manter mais aquecida, querida. _ Ah, vovó! Que ombros largos você tem!(etc., etc., nos moldes do diálogo conhecido, até o clássico desfecho); _ Ah, vovó! Que dentes grandes você tem! É para comer você melhor, querida. E ele a devorou.

Dessa forma, vê-se como o conto descrito no século XVIII por Charles Perrault possui uma versão brusca e sem filtro, mas também esse modo distinto do título clássico em que o caçador salva as personagens do seu algoz, por outro lado, é notório a presença do tema “Pedofilia”. Essa problemática que rodeia as crianças até hoje e que causa preocupação na sociedade.

Segundo Darton, o objetivo deste conto não era o de alertar sobre os perigos da desobediência aos pais, mas sim o de evitar o acesso a sexualidade adulta, de maneira distorcida e abusiva. Mas também o de notificar sobre os perigos que cercavam a sociedade da época.

Além disso, esse hábito de narrar uma história difundiu em mitologias que esses contos orais eram proferidos em torno da fogueira nas noites frias e escuras da Idade Média. Assim, surgiram as rodas de conversas e leituras das mais variadas histórias que refletem nos rituais literários da atualidade.

É válido considerar que o hábito de leitura de pais e filhos próximo aos livros advêm deste ritual mitológico sendo aprimorado com o tempo e costumes de outras épocas, mas que não impedem uma relação de referência inconscientemente.

A narrativa resulta em um contato físico com os livros e páginas este oportuno momento de promoção dos sentidos, como: tato, audição e olfato circunda a memória de recordações de prazer pela leitura realizada ou ouvida. Essa troca de papéis de leitor para ouvinte pode oscilar e soar satisfatório para ambos os envolvidos no ato de leitura compartilhada que promove uma proximidade entre pais e filhos estreitando laços e desencadeando sensações de segurança, afeto e amor pelas palavras.

Por outro lado, vejamos um pouco mais sobre como esses contos orais faziam parte da rotina das pessoas, de acordo com CORSO(2006, pág.16):

A função das narrativas maravilhosas da tradição oral poderia ser apenas de ajudar os habitantes de aldeias camponesas a atravessar as longas noites de inverno. Sua matéria? Os perigos do mundo, a crueldade, a morte, a fome, a violência dos homens e da natureza. Os contos populares pré-modernos talvez fizessem pouco mais do que nomear os medos presentes no coração de todos, adultos e crianças, que se reuniam em volta do fogo enquanto os lobos uivavam lá fora, o frio recrudescia e a fome era um espectro capaz de ceifar a vida dos mais frágeis, mês a mês.

Como Corso revela vemos que a contação destes contos serviam para que todos presentes se aquecessem junto a fogueira, uma ação social de encontro para a promoção do relato oral o que presume também um desabafo e verossimilhança daqueles que se reuniam e expunham todos os problemas da época de grosseira desigualdade social em que a fala calava a fome de todos. Mas também observamos como esses relatos não poupavam os pequenos da crueldade das palavras frias de contações de um público adulto já calejado da infelicidade de uma realidade nua e crua.

Agora, vejamos como aconteceu essa mudança no conceito de infância, segundo CORSO (2006, pág.16):

As modernas versões dos contos de fadas, que encantaram tanto nossos antepassados quanto as crianças de hoje, datam do século XIX. São tributárias da criação da família nuclear e da invenção da família tal como conhecemos hoje. Isso implicou: A progressiva exclusão dos pequenos do mundo do trabalho, na medida em que a Revolução Industrial criou espaços de produção separados do espaço familiar (o segundo era característico das organizações do trabalho artesanal e campesino). Os ideais Iluministas e os novos códigos civis trazidos pelas Revoluções Burguesas passaram a reconhecer as crianças como sujeitos, com direito tanto a proteções legais específicas quanto ao reconhecimento de uma subjetividade diferenciada da dos adultos.

Segundo o autor supracitado, com a chegada da Revolução Industrial as famílias precisavam trabalhar e os locais eram separados do ambiente familiar. O que acrescentou um novo conceito ao termo infância, não destinando mais a divisão do trabalho manual para os pequenos e separando os conteúdos que os mesmos poderiam ter acesso, e sobretudo, a garantia destes direitos.

É válido compreender que a apreciação pelos contos de fadas tem em sua essência o mistério. A busca pelo suspense instiga a leitura deste gênero que expandiu e venceu todos estes anos, ganhando novos espaços e versões.

Um exemplo disso, é a nova versão dada ao título: Chapeuzinho Vermelho, do Geoffry de Pennart (2012, p.36):

Era uma vez uma menina que vivia com os pais na beira de uma floresta. Como ela nunca tirava o chapéu redondo e vermelho que sua avó lhe havia dado, seu apelido era Chapeuzinho Redondo. Um dia, sua mãe lhe disse: _ Hoje é o aniversário da vovó. Você quer levar para elas estes dois bolos e este pote de manteiga? Sei que ela vai ficar feliz em ver você. Chapeuzinho Redondo aceitou logo, pois adorava a avó. _ Prefiro que você vá pelo campo _ disse a mãe. _ É mais curta pela floresta, mas... _ Eu sei, tem o lobo. Não se preocupe, mamãe, já vi esse filme. No caminho, Chapeuzinho Redondo encontrou um grande cachorro cinza que dormia encostado num monte de feno. Ela não resistiu. Tirou sua corneta do bolso e... O animal acordou com um salto, completamente aterrorizado. _ O que... que é... O que é isso?! _ Aha! Olhe a cara do cachorro! Eu sei, tudo bem, não foi legal tocar a corneta, mas não pude resistir. Pegue um bolo para você me perdoar. _ Eu... eu... eu não sou um cachorro, eu... eu... eu sou o lobo e eu... eu... Tudo bem! Mas você não é o lobo. O lobo na floresta é muito mau. E você, olhe só, com essa cara de bonzinho... _ Mas é verdade, eu... eu... eu sou o lobo... _ Tudo bem, nos seus sonhos, talvez. Bem, a vovó me aguarda, eu tenho de ir. Está vendo a fumaça? É ali mesmo, mas, por causa do lobo, tenho de contornar a floresta. Adeus, cachorro.. O lobo, pois era ele mesmo, recuperou o fôlego. _ Que pestinha! ai, meu pobre coração! _ Mas ela vai ver só! Cara de

bonzinho... vou enfiar este bolo na goela dela e depois comê-la! Banguê! Um carro atropelou o lobo! Era justamente a vovó, que voltava do supermercado. _ oh, céus! Que horror! O pobre cão! Apareceu de repente, não pude evitar! _ Que bom! Ele não está morto. Rápido, para a cama. Vou chamar o veterinário.. Neste momento, Chapeuzinho Redondo chegou à casa da vovó. _ Bom dia, vovó! Sou eu, o sol de sua vida, e trago dois, um bolo... oh! Você está deitada. Está doente? Que cara horrível! _ Oh, não! É aquele cachorro que pensa que é lobo. Danado! Ele comeu minha vovó! E pensar que lhe dei um bolo! Com os gritos, o lobo abriu os olhos, completamente zonzo: _ Quem ... quem... quem está aí? Chapeuzinho bateu nele com um candelabro. _ Tome isso, bicho feio! _ Vovó, está me ouvindo? Vovó! Vou tirar você daí. E lá foi ela ligar para a polícia. _ Oh! Céus! Ele morreu! _ exclamou a vovó, ao chegar com o veterinário. _ Eu não entendo, o pobre cachorro ainda respirava quando fui buscar o senhor... _ Oh! Vovó! Você está viva! Eu achei que o cachorro tinha devorado você! Eu queria salvá-la, e agora ele está morto! É minha culpa! _ Calma, calma _ disse o veterinário. _ Este animal, que, diga-se de passagem, não é um cão, mas sim um lobo enorme, não está morto. Vou cuidar dele, mas preciso de muita calma. O veterinário conseguiu salvar o lobo, que ficou se recuperando na casa da vovó. Depois disso, ele teve de admitir: sua reputação de lobo mau estava arruinada. Então, passou o resto da vida com a boa senhora. Quanto a Chapeuzinho Redondo, marcada para sempre por essa aventura, tornou-se uma veterinária de fama mundial.

Diante deste texto podemos perceber como o autor se reinventa e recria um conto clássico para uma versão mais leve, adaptada para o público infantil que trata de temas tão relevantes, como: desobediência, pedofilia, maus tratos a animais e atropelamentos. Mas mantêm a essência do conto o de alertar os pequenos, mas também o encanto pelo mistério ao incrível desfecho.

Os autores analisam os contos infantis que contemplam o medo da agressividade sexual dos pais incestuosos, assim como da rejeição inconsciente de algumas mães por suas crias. O tema das madrastas invejosas e más- em Branca de Neve e Cinderela, por exemplo- interessa às crianças porque nomeiam indiretamente a rivalidade das mães em relação a suas filhas, que o mito da perfeição do amor materno obriga a recalcar. A sobrevivência de diversas histórias de abandono das crianças por mães/ madrastas egoístas, na linha de João e Maria e Pequeno Polegar, indica que as crianças querem saber dos limites e ambivalência do amor materno. A sobrevivência de uma das histórias infantis mais populares, a saga do pobre patinho feio expulso da convivência com os irmãos bem nascidos, indica nas palavras dos autores, que toda criança conhece a experiência de sentir-se uma “estranha no ninho”. Ouvir histórias é um dos recursos de que as crianças dispõem para desenhar o mapa imaginário que indica seu lugar, na família e no mundo. (CORSO, 2006, pág.18)

Podemos ver como os contos infantis podem ilustrar os sentimentos mais diversos que podem surgir de quem deveria só amar e proteger e essa dualidade de sentimentos demonstra como que na ponta do amor pode surgir o ódio ligada a maternidade. No final, essa estranheza ligada ao ninho pode desestabilizar a referência imaginária que criamos em torno da família e do mundo. O que reflete na formação da identidade. O ponto de partida que funciona como gatilho de disparo para a fixação dessa raiz a algum lugar no mundo é a leitura dos livros. Reconhecer que essa rivalidade existe é deixar fluir a Inteligência emocional que ainda tímida se inibe a maturar naqueles não leitores.

A leitura surge como elo a um lugar e criar memórias afetivas, de satisfação nos torna seres independentes da insegurança emocional que desestrutura o psíquico e imatura as ações e reações em situações adversas em que precisamos recorrer da segurança e experiência literária.

Isso revela o quanto a literatura conecta, abre horizonte, diverte, instiga a autonomia e cria redes de ligações de ideias, que influenciam na escrita e linguagem das pessoas em suas relações sociais, o que provoca a plasticidade das emoções nos seus conflitos internos. Reconhecer que precisamos desta integração com as letras é perceber o quanto a educação é relevante para a vida de um ser humano em formação.

“Histórias de crianças que saem ou são expulsas de suas casas, ou que perderam o rumo de volta depois de um passeio mais ousado e se deparam com perigos inimagináveis, funcionam como antecipações que lhes permitem dominar o medo do mundo cruel que, mais dia, menos dia, terão de enfrentar. Nessas incursões pelo mundo proibido longe da proteção familiar, os melhores conselhos- como os do Grilo Falante, da história de Pinóquio – existem para não ser obedecidos. De todas estas, penso que a solução mais feliz e menos moralista é a de Peter Pan, menino que fugiu de casa exatamente para perpetuar a Utopia da infância, associada a liberdade quase sem limites que a fantasia permite.” (CORSO, 2006,pág.18)

Segundo o contexto acima é fácil perceber como o medo regula as ações impetuosas nos pequenos e esses agem no id, ego e super ego para o regulamento das emoções. O que demonstra uma face reveladora dos contos infantis nas decisões, por outro lado espelha a imaginação oportunizada pela fase infância atrelada ao poder literário.

Vale ressaltar também a outra interpretação que podemos retirar do conto Peter Pan sobre o menino que não queria crescer e o quanto este complexo possui uma interferência na maturação e aceitação da mudança de períodos na vida. O que desenha uma realidade no mundo Pós Moderno que tenta invalidar a velhice e os seus sinais com procedimentos estéticos ou quando este ainda quando criança que prefere ocupar a posição de faixa etária menor para não assumir os pequenos deveres destinados a cada fase na infância.

Essas são as problemáticas associadas aos problemas da globalização que incentiva o consumo acelerado de produtos que mascaram a passagem dos anos ou normatizam crianças que não colaboram com seus deveres domésticos e não cumprem com as suas atividades escolares se tornando adultos frustrados.

2.1 FASE EDIPIANA- COMO SOLUCIONAR?

A fase edipiana reluz uma aproximação do interesse, inconsciente, pela mãe ou o pai. É um período em que a criança alimenta em si um ciúme de um dos pais, que não admite aproximação dos dois como casal. É válido ressaltar como tudo isso interfere na interação dos familiares e na rotina de ambos em casa e achar engraçado não ajuda a criança a sair desta fase.

Ainda que surja como bonitinho o pequeno afastar um dos pais para longe de um abraço ou demonstração de carinho é importante rever certas atitudes para que não se alimente aversão a proximidade dos seus responsáveis e crie uma dor de cabeça ainda maior para todos os envolvidos.

O importante em tudo isso é que além de uma admiração exacerbada por um dos seus pais poderá surgir uma invalidação de cuidados de um dos pais porque para o menor que pensa em quem faz tudo perfeito é apenas um dos cuidadores. O que remeterá aquele que está sendo rejeitado um empenho maior para suprir este sentimento de rejeição do filho ou filha.

Essa preferência pelo pai ou mãe do seu sexo oposto pode se resumir a apenas um período, mas essa "paixão" poderá se estender ou dar lugar a um sentimento oposto que fica no outro lado da linha tênue das sensações: o ódio. Por isso, é tão

importante lidar com esse período de modo a não decepcionar a criança envolvida. Vejamos uma situação ilustrada por Bettelheim.

Às voltas com o conflito edipiano, um menino pequeno nutre um ressentimento contra o pai por este estar no caminho que o levaria a receber a atenção exclusiva da mãe. O menino quer que a mãe o admire com o maior herói de todos; isso significa que, de algum modo, ele deve tirar o pai do caminho. Essa ideia, porém provoca angústia na criança, porque sem o pai para proteger e cuidar dela, o que aconteceria à família? E o que aconteceria se o pai descobrisse que o menino o queria fora do caminho ... não lançaria ele mão da mais terrível vingança? (Bettelheim, 2015, pág.161)

Como exemplificado acima há uma disputa inconsciente do pequeno que deseja exclusividade em torno da atenção e admiração materna. Isso envolve vários fatores acerca do tema que gira sob o ponto de estabilidade ou instabilidade da família que tem o pai como o provedor do sustento e o pai que sem consciência do que o filho deseja o ver pelas costas. São duas facetas que revelam a mesma perspectiva da diversidade de sensações em torno da genitora e, conseqüentemente, a sua angústia por sentir tais atitudes.

Sobretudo, o anseio de ser herói incute uma superioridade e também uma posição protagonista em representar tal papel o que mescla um perfil de imponência em torno da figura de filho em relação aos pais que agem como expectadores de um espetáculo que só ganha espaço nas casas hoje em dia.

Essa imposição em torno do afeto, reconhecimento e preferência pelo filho como narrado acima pelo autor demonstra uma autoridade de manipulação circular ao sexo oposto ao da criança que nutre essa oscilação de humor afetivo para com a mãe que se vê pressionada pelo filho ao querer atenção e sua notação singular ao mundo que é todo plural.

Falar em um mundo plural é perceber que o mundo não gira em torno do único ser. Uma relação abusiva pode ser disfarçada com algo bonitinho ou inteligência. Essa naturalização ocasiona uma acentuação da problemática que se torna mais insistente e não se resume a uma só fase mais uma situação constante.

Podemos dizer várias vezes a um menino pequeno que algum dia ele crescerá, se casará e será como seu pai – sem qualquer resultado. Tal conselho realista não oferece nenhum alívio às pressões que a criança sente nesse exato momento. Mas o conto de fadas lhe mostra

como pode viver com seus conflitos; sugere fantasias que ela nunca poderia inventar por conta própria. (Bettelheim,2015, pág.161)

Como o autor supracitado revela as pressões internas não suavizam com conselhos, mas sim com a inserção dos contos de fadas para os infantes que compreendem como as fantasias e conflitos andam lado a lado e são amadurecidas com a notoriedade das entrelinhas.

O conto de fadas, por exemplo, oferece a história do menino pequeno que passa despercebido mas que parte para o mundo e obtém grande sucesso na vida. Os detalhes podem diferir, mas a trama básica é sempre a mesma: o herói improvável se põe à prova matando o dragões, resolvendo charadas e fazendo uso de sua esperteza e bondade para viver, até que finalmente liberta a bela princesa, casa-se com ela e vive feliz para sempre. (Bettelheim, 2015, pág.161)

Bettelheim enfatiza essa analogia para ilustrar como a fase edipiana é interpretada pela criança. O pequeno cria um personagem para si, a exemplo disso o herói (filho) que precisa salvar a sua princesa(mãe) do dragão(pai) e poder finalmente viverem felizes para sempre. Essa interpretação tem uma sequência em comum a todos que passam por esse período: a fantasia.

Nenhum menino pequeno jamais deixou de se ver nesse papel principal. A história sugere que: não é o ciúme de papai o que o impede de ter a mamãe exclusivamente para si, é um dragão mau- o que você na verdade tem em mente é matar o dragão mau. Mais ainda, a história dá veracidade ao sentimento do menino de que a mais desejável das mulheres é mantida em cativeiro por uma personagem má, enquanto sugere que não é a mãe o que a criança deseja para si, mas uma mulher maravilhosa e magnífica que ainda não encontrou, mas que certamente encontrará. (Bettelheim, 2015, pág.162)

O autor revela que o sentimento que impera no pequeno não é ciúme, mas sim uma representatividade do sentimento que será transmitido a mulher da sua vida no futuro. Essa expectativa criada em torno da mãe espelha, apenas, a figura do perfil da mulher da sua vida. Bettelheim (2015,pág.162) continua:

Uma criança não pode e não quer imaginar aquilo que envolve ser marido e pai. Isso implicaria, por exemplo em ter que deixar a mãe durante a maior parte do dia para ir trabalhar – enquanto que a fantasia edipiana é uma situação em que o menino e mãe jamais se separarão sequer por um momento.

Na verdade, isso demonstra que o filho quer para si a atenção da sua genitora, mas sem a intenção de ser o marido e a intimidade que envolve essa figura ao casamento. O que o descendente quer é exclusividade de afeto e convivência prioritária a ele, disputando qualquer momento entre os seus irmãos e o seu genitor.

Enquanto que o menino edipiano não quer que nenhuma criança interfira no envolvimento total de sua mãe consigo, as coisas são diferentes para a menina edipiana. Ela realmente deseja ofertar a seu pai a dádiva de amor de mãe de seus filhos. É difícil determinar se isso é uma expressão de sua necessidade de competir com a mãe a esse respeito ou uma vaga antecipação de sua futura maternidade. (Bettelheim, 2015, pág.164)

Conforme o autor supracitado a menina perpassa por uma fase singular a ela. Ela deseja ofertar os cuidados da mãe dos filhos do seu pai. O que não significa ter sexo com o seu pai, mas competir com a figura feminina, materna, a uma possibilidade de uma antecipação da sua futura maternidade.

Na versão dos irmãos Grim de “Rapunzel”, ficamos sabendo que o príncipe, em suas andanças, “finalmente chegou ao deserto onde Rapunzel, com os dois filhos que tivera, um menino e uma menina, vivia na miséria”, embora nenhuma criança tem sido mencionada. Quando ela beija o príncipe, duas de suas lágrimas molham os olhos dele (que tinham sido furados) e curam-lhe a cegueira; e ele a levou para o seu reino, onde foi recebido com alegria e onde viveram felizes por muito tempo.” Uma vez os dois unidos, nada mais é dito sobre as crianças. São na história apenas o símbolo do elo entre Rapunzel e o príncipe durante a sua separação. (Bettelheim, 2015, pág.164)

Como ilustrado acima pode-se constatar que a relação entre o protagonista é de apenas proteção e o elo que se mantêm entre ele e a sua Cinderela, mas nada além do afeto e carinho pelos menores. O que se pode inferir é que mesmo passando por uma problemática de pobreza extrema, o que retrata a época, mas também como as crianças representavam as figuras do período e, sobretudo, destaca como os pequenos se mantinham na posição de carinho, atenção mendigada e por muitas vezes sem notoriedade.

Na fantasia edipiana da menina a mãe é dividida em duas personagens: a maravilhosa mãe boa pré-edipiana e a madrasta ruim edipiana. (algumas vezes existem madrastas más em histórias de fadas com meninos, tal como “João e Maria”, mas esses contos lidam com outros problemas que não edipianos). A boa mãe, assim reza a fantasia, nunca teria tido ciúme da filha ou teria impedido o

príncipe (o pai) e a moça de viverem felizes juntos . (Bettelheim, 2015, pág.165)

Como mencionado acima a fase edipiana representa uma dualidade na percepção em torno da mãe : ora maravilhosa ora como madrasta ruim. Mas também vemos que a inteligência emocional segue passiva ao não impedir o pai e a moça de viverem juntos. Essa passividade em torno do marido é a expectativa criada pela menina edipiana. Uma fantasia que aglomera todos em torno das suas Vontades edipianas.

A relatividade em torno da imaginação gerada pela posse de aproximação da filha pelo pai é oportuna aos sinais que caracterizam o momento vivenciado pela infante citada . Além disso, a ânsia em substituir a mãe nas atenções , conversas e cuidados com todos na casa revelam uma moldura em volta da personalidade infantil que poderá ser engessada se não tiver a intervenção devida.

O que presume as diferentes percepções que circulam a retórica infância. Ela se adormecida segue imperceptível, mas se ativa edipiano pode gerar confusão no leito familiar que por muitas vezes é indiferente a determinada postura assumida pelo pequeno. O que corrobora para acentuação de tal comportamento.

Assim, tanto as meninas quanto os meninos edipianos, graças ao conto de fadas, podem ter o melhor de dois mundos: Podem gozar plenamente as satisfações edipianas em fantasia e manter boas relações com ambos os pais na realidade.(Bettelheim,2015, pág.165)

Como foi exemplificado acima vemos que com o conto de fadas o usufruto do edipianismo pode gerar fantasia satisfatória respeitando os pais envolvidos. Essas satisfações edipianas beiram a leitura e a inserção na literatura. O que gera um alívio e esperança para todos nós, já que como mostra Bettelheim a literatura é o caminho e ler torna tudo melhor.

Sendo assim, o conto de fadas ilustra e usa de metáforas para incubar na criança conceito de valores, ideias, exemplos e correções o que demonstra uma suavidade nas expressões que estabelecem a inteligência no controle das emoções, interpretação e compreensão de mundo ajustando todos a uma pluralidade de satisfações edipianas e, sobretudo, se dando o deleite a fantasiar.

2.2 OS CONTOS DE FADAS – MATURIDADE

Os contos de fadas fazem parte da infância das mais variadas crianças e reter isso é presumir que só somos influenciados por uma boa literatura na infância, quando na verdade isso não é usual precisamos expandir para o mundo o nosso olhar e voz que somos influenciáveis uma vida toda de linhas e entrelinhas abertas para uma nova leitura e escrita refletidas de experiências de um mundo todo plural, mas que espelha a singularidade e maturidade de cada um.

As narrativas com personagens fadas, princesas, príncipes que contextualizam um sistema Monárquico de poder absoluto que também imperam a desigualdade social, de abandono e exclusão de uma camada da sociedade se aproximam e aquecem os corações das crianças que inconscientemente buscam respostas para as suas inquietações. Os mesmos contrastam com as tirinhas ou histórias em quadrinhos que com a sua pioneira divulgação em jornais se aproximam do público alvo adultos.

Bettelheim descreve assim esse fenômeno:

“A aproximação entre cinema e quadrinhos é inevitável pois os dois surgiram da preocupação de representar e dar sensação de movimento. Os quadrinhos, como o próprio nome indica que, são um conjunto e uma sequência. O que faz do bloco de imagens uma série é o fato de que cada quadro ganha sentido depois de visto o anterior; a ação continua estabelece a ligação entre as diferentes figuras(...) não era mais a fixação pictórica de um instante; agora se observava uma narração figurada. (Bettelheim, 2015, pág.269)

Essa narração pictórica e ilustrada como colocada pelo autor acima revela uma sequência de fatos desenhadas que auxiliam na compreensão e interpretação textual. A estática do leitor não demonstra uma passividade, mas sim uma participação de importância que concentra todas as informações polarizadas para compreensão leitora de uma vida de capacidade fluente.

Na fantasia edipiana da menina a mãe é dividida em duas personagens: a maravilhosa mãe boa pré- edipiana e a madrasta ruim edipiana. (algumas vezes existem madrasta más em histórias de fadas com meninos , tal como “João e Maria “ , mas esses contos

lidam com outros problemas que não edipianos). A boa mãe, assim reza a fantasia, nunca teria tido ciúme da filha ou teria impedido o príncipe (o pai) e a moça de viverem felizes juntos . (Bettelheim, 2015, pág.165)

Como mencionado acima a fase edipiana representa uma dualidade na percepção em torno da mãe: ora maravilhosa, ora como madrasta ruim. Mas também vemos que a inteligência emocional segue passiva ao não impedir o pai e a moça de viverem juntos. Essa passividade em torno do marido é a expectativa criada pela menina edipiana. Uma fantasia que aglomera todos em torno das suas Vontades edipianas.

A relatividade em torno da imaginação gerada pela posse de aproximação da filha pelo pai é oportuna aos sinais que caracterizam o momento vivenciado pela infante citada . Além disso, a ânsia em substituir a mãe nas atenções , conversas e cuidados com todos na casa revelam uma moldura em volta da personalidade infantil que poderá ser engessada se não tiver a intervenção devida.

O que presume as diferentes percepções que circulam a retórica infância. Ela se adormecida segue imperceptível, mas se ativa edipiano pode gerar confusão no leito familiar que por muitas vezes é indiferente a determinada postura assumida pelo pequeno. O que corrobora para acentuação de tal comportamento.

Assim, tanto as meninas quanto os meninos edipianos, graças ao conto de fadas, podem ter o melhor de dois mundos: Podem gozar plenamente as satisfações edipianas em fantasia e manter boas relações com ambos os pais na realidade.(Bettelheim,2015, pág.165)

Como foi exemplificado acima vemos que com o conto de fadas o usufruto do edipianismo pode gerar fantasia satisfatória respeitando os pais envolvidos. Essas satisfações edipianas beiram a leitura e a inserção na literatura . O que gera um alívio e esperança para todos nós, já que como mostra Bettelheim a literatura é o caminho e ler torna tudo melhor.

Sendo assim, o conto de fadas ilustra e usa de metáforas para encucar na criança conceito de valores, ideias, exemplos e correções o que demonstra uma

suavidade nas expressões que estabelecem a inteligência no controle das emoções, interpretação e compreensão de mundo ajustando todos a uma pluralidade de satisfações edipianas e, sobretudo, se dando o deleite a fantasiar.

Branca de Neve é levada pelo príncipe inerte em seu caixão é por acaso que ela espera tossindo um pedaço de maçã envenenado preso em sua garganta e assim volta a viver Bela Adormecida só desperta porque sua amada beija. O período de degradação de Cinderela termina quando o sapatinho lhe serve em cada uma dessas histórias tal como em muitas outras o resgatador demonstra de alguma forma seu amor. Pela futura noiva ficamos, porém no escuro quanto aos sentimentos das heroínas do modo como os Irmãos Grimm narraram essas histórias nada nos dito a respeito de Cinderela está apaixonado embora algo possa ser concluído do fato dela ter três vezes ao baile para encontrar seu príncipe. O que diz respeito aos sentimentos adormecida Ficamos sabendo apenas que ele olha de um jeito amistoso para o homem que a libertação encantamento de modo simular tudo isso que nos é dito é que Branca de Neve foi tomada de sentimentos amistosos pelo homem que já trouxe de volta à vida é como se essas histórias deliberadamente evitar se afirmar que as heroínas estão apaixonadas nem se a impressão de que mesmo os contos de fadas tem um pouco importância ao amor a primeira vista sugerem em vez disso que amar envolve muito mais do que ser despertado escolhida por um príncipe qualquer. (Bettelheim, 2015, pág. 381)

O autor supracitado sugere que na paixão há um grande empenho do apaixonado pela pessoa amada e isso ressalta como estar apaixonado resulta em um sofrimento maior, assim como momentos intensos como o próprio príncipe que enfrentou situações adversas para chegar até a amada e, no entanto, ela só recolhe o sapatinho, o que também demonstra uma passividade da personagem principal de uma aventura maior, sua negação de uma retribuição do sentimento demonstrado ou o entusiasmo revelado no primeiro momento pelo personagem que os torna herói ao salvar a princesa do seu destino infeliz, o que se propõe que por muitas vezes somos caladas e esperamos da figura masculina uma atitude. Mas também revela a época inserida no contexto social da trama escancarando uma educação patriarcal e machista a que somos impostas infelizmente na atualidade.

Vale ressaltar o quanto as pessoas não dão espaço para o verdadeiro amor a primeira vista e sugere também que somos submetidos as escolhas dos outros a figura feminina sempre espera uma atitude terceira com o intuito de sempre servir a uma

pluralidade e atender a expectativa de uma sociedade que estabelece conexões sociedades e até contatos com pessoas que sejam dos seus interesses em comum.

A relatividade de como espelha como somos tratadas por uma camada com figuras que seguem uma cultura de submissão e fantasia em torno de uma narrativa que só privilegia uma fatia social. Revela também nesse próprio conto já citado o quanto as pessoas estão abertas para um processo de amadurecimento das ideias, uma vez que uma vez que não se permitem uma evolução na inteligência emocional. Bettelheim (2015, pág.382) enfatiza que:

Os resgatadores se apaixonam por essas heroínas devido a sua beleza, que simboliza a sua perfeição. Estando apaixonados, eles têm de se tornar ativos e provar que são dignos da mulher que amam – algo bem diferente da aceitação passiva do amor por parte da heroína. Em Branca de Neve, o príncipe declara não ser capaz de viver sem Branca de Neve e oferece aos anões o que eles quiserem troca dela, e finalmente lhe é permitido levá-la.

A perfeição trazida pela beleza encantadora da princesa reluz um padrão estabelecido na época e isso reafirma que a aparência tem uma parcela que influência sobre o quanto queremos algo. A beleza da protagonista é convincente sobre os sentimentos do pretendente que também é herói. O papel de herói dado ao corajoso que retira a mocinha de uma vida sem motivação traduz um papel seletivo ao personagem masculino que possui uma importância na trama e com espaço de voz e imponência.

Mas, por mais meritório que esse autodesenvolvimento seja, e embora possa salvar nossa alma, ainda não é o bastante para a felicidade. Para tanto, é necessário ir além do próprio isolamento e criar um vínculo com o outro. Seja em que plano elevado se dê a sua vida, o Eu sem o Você vive uma existência solitária. Os finais felizes dos contos de fadas, em que o herói se une ao cônjuge de toda a vida, dizem isso. Mas não ensinam o que o indivíduo deve fazer para transcender seu isolamento depois de ter conquistado sua individualidade. Nem em “Branca de Neve”, nem em “Cinderela”(as versões dos irmãos Grimm), nada nos é dito de suas vidas depois de terem se casado; nada nos é dito a respeito de viverem felizes com seus cônjuges. Essas histórias, apesar de levarem a heroína até o limiar do verdadeiro amor, não dizem que crescimento pessoal é exigido para a união com o outro que se ama.(Bettelheim, 2015, pág.382)

Isso é revelador porque enfatiza como a união ao outro vai além de viver sem o outro até porque é um ato solitário e resumir um sentimento que deveria ser recíproco a uma individualidade. Os finais felizes vem a atender uma expectativa criada em torno de uma vida perfeita, o que não é esse o objetivo, o principal é: o crescimento pessoal com todas as suas dificuldades e diferenças, oportunizando o aprendizado singular em prol de um relacionamento a dois.

Os contos de fadas ensinam as crianças a controlarem inconscientemente os seus impulsos através deste gênero. A compreensão das entrelinhas preparam a inconsciência por meio da maturação das ideias, o que reduzem atitudes impetuosas sem a reflexão e associações de histórias. Sobretudo, a linguagem com símbolos trazidas no gênero citado é proporcional a interpretação textual dos pequenos.

2.3 O APRENDENTE E OS SEUS IDIOMAS

O aprendente possui várias formas de se situar ao conhecimento. Essas habilidades que se destacam e presumem também áreas que influem sobre a vida deste que está aberto aos novos conhecimentos. Esse idioma o conecta ao aprendendizado, onde todos mesmo sendo diferentes se ligam a mesma palavra: aprendizado.

Ao termo sujeito aprendente estou atribuindo o caráter de conceito. Penso o sujeito aprendente como aquela articulação que vai armando o sujeito cognoscente e o sujeito desejante sobre o organismo herdado, construindo um corpo sempre interseção com outro(conhecimento, cultura...) e com outros(pais, professores, meios de comunicação). O conceito de sujeito aprendente constrói-se a partir de sua relação com o sujeito ensinante, já que são duas posições subjetivas, presentes em uma mesma pessoa, em um mesmo momento. Além disso, o aprender acontece a partir dessa simultaneidade. Até poderia dizer que, para realizar uma boa aprendizagem é necessário conectar-se mais com posicionamento ensinando do que com atendente. E, Sem dúvida, ensina-se a partir do posicionamento aprendente. O atendente situa-se na articulação da informação, do conhecer e do saber, mais particularmente entre o conhecer e o saber. (Fernandez, 2001, pág.54)

A partir do que foi citado acima pela autora podemos perceber que a aprendizagem ocorre como uma conexão entre dois personagens numa simultaneidade em que ao funcionamento do que é ensinado com que é atendido ao atendente. Ele situa-se na articulação da informação do conselho do saber e quando isso ocorre de fato há aprendizagem. São aprendizagens adquiridas ao longo da vida seja com os pais, a própria cultura vai ensinando ao aprendente que para ele o inconsciente vai funcionar de maneira ambígua e transformando o que é abstrato em algo real. Essa transformação do que chega até o sujeito como aprendizado flui para ele como algo novo ou aquilo que possa ser transformado. Isso evidencia como ocorre o saber e ilustra como os conceitos são apenas caracteres formadores de conceitos, por outro lado que o que fixa o conteúdo é como o sujeito se apropria deste objeto, seja na sua relação com a família, amigos, colegas em casa, na rua, na escola ou na igreja e em tantos outros locais em que há convivência humana. Quando falamos em conhecimento provemos daquilo que possamos ensinar ou contribuir para alguém, mas vemos também que como ilustrado acima pela escritora: nós assumimos vários papéis na concretização daquilo que chegou até nós como até então abstraído e fluído, mas que ao passar por conexões dos neurônios se estabelecem a inteligência.

Fernandez(2001) revela: “Aprender é ir do saber a apropriação de informação dada a partir da construção de conhecimentos; acesso no qual intervém inteligência e desejo.” Pode-se perceber que no processo de aquisição dos conhecimentos se estabelece por meio da afinidade com o objeto a ser estudado ou conhecido. O que enaltece as preferências e gostos do alunado que certamente possui uma área pela qual optará enveredar.

O que sugere a importância de se considerar o conhecimento de mundo do infante que constrói e desconstrói teses em torno das suas dúvidas e curiosidades inseridas no seu núcleo familiar, cujas participações podem acrescentar nas suas considerações ou até derrubar possibilidades ora até construir outras hipóteses que contribuem para as formações de ideias que constituirão em uma bagagem singular que reativa a cultura da sua comunidade.

A cultura é construída pelo povo e o saber empírico soma-se com o conhecimento científico formando uma considerável inteligência em se considerar que todo conhecimento é válido e importante para a evolução das ideias. Vale ressaltar

que a formação do aprendiz reúne tudo que lhe é direcionado e isso não passa sem ser absorvido e aproveitado na experiência da vida.

Tornar o conteúdo como algo interessante para o aluno é tornar a aula menos densa e incompreendida como algo em proveito social. A sociedade em si precisa deste contato e ser tocada pela informação que, por muitas vezes vem desenhada com a manipulação de marketing dos malfeitores na rede.

Faz-se urgente que formemos alunos conscientes de seu papel social e para isto é necessário que o mesmo se perceba como sujeito crítico e acima de tudo, se possibilitar assumir o papel de aprendiz e ensinante, cuja fusão resulta em um indivíduo consciente, educado e transformador da sua realidade, através do estudo.

Além disso, se perceber protagonista é ver que a sua singularidade pode representar toda a pluralidade da sua comunidade, a cultura se estabelece por meio do hábito e apela-se por um novo costume: aprender. Isso valida o quanto é prazeroso se sentir capaz de adquirir saberes e alterar conceitos engessados. A permissão por algo novo, permite acrescentar o que outrora não possuía a mesma forma fechada para novas possibilidades.

Essas transições de conceitos proporcionam a interação de ideias e conexões que interagem entre si facilitando a compreensão dos signos linguísticos que proporcionam uma comunicação de conceitos compreendidos pelos interlocutores e ouvintes. Essa é a expectativa.

O aprendizado surge como algo inato da sua existência e FERNANDEZ(2001, pág.56) esclarece que: "Desde o início de sua existência, o bebê já está constituindo o sujeito aprendiz sempre em relação com a modalidade de ensino e aprendizagem de seus pais". Como citado acima a comunicação de aprendizado surge como um intercâmbio de conhecimentos, inserção da linguagem, relações sociais e trocas de experiências entre todos os envolvidos no processo. Ela pontua que:

O bebê chora, sua mãe dá-lhe peito. O bebê continua chorando. Essa situação simples pode incluir diferentes cenas, algumas delas antagônicas, dependendo de quais sejam os posicionamentos aprendiz, ensinante do adulto e da criança em questão.(Fernandez, 2001, pág. 57)

A autora ilustra que esta relação de aprendizado influi na compreensão e nos resultados evidentes, o que contribui para o estabelecimento da relação comunicativa entre o ciclo social, em especial na família. Sobretudo, nota-se como o mesmo que ensina algo(ensinante) também assume a posição de aprendiz e vive e versa.

Essa oscilação de posições e ideais se articulam em relações concebidas desde o nascimento, infância, adolescência e, assim por diante, para reativar ligações do inconsciente que refletem no estabelecimento das ideias e por sua vez, o ato de se comunicar-se e ser compreendido. As referências destes sinais sonoros desenhadas como se relacionam a relação social e o meio comunicativo, choro, interlocutor, bebê, ouvinte, a sua mãe – ambos representam uma cena produtiva de pensamentos e desejos.

A figura mãe decide pelo sinal produzido pelo filho que produz um efeito sonoro que expressa um desejo e uma pressa em ser atendido e satisfazer a sua necessidade. O que enfatiza um ato aleatório ao que o pequeno possa querer no momento e, dessa forma, não se estabelecer a compreensão desejada. A desarticulação na mensagem e sinais produzidos pelo emissor determinam a recepção da mensagem para os ouvintes inseridos no processo de comunicação.

Segundo FERNANDEZ (2001, pág.57): “Um marco na constituição do sujeito aprendiz é algo que ocorre entre 3-4 anos. Quando a criança conhece com o que sonha não acontece na realidade, conhece ao mesmo tempo a diferença entre pensar e falar.” Ela enfatiza que se o infante não expressa com palavras o outro não poderá deduzir com exatidão a sua necessidade.

A autora ALICIA (2001, pág.58) prossegue sobre o marco na constituição do aprendiz e defende que o sujeito “Ao descobrir a diferença entre o pensar e falar, a liberdade, a potência e a dor ficarão associadas ao ato de pensar.” O que sugere que o processo do pensar fica em primeira escala se tornando um ser racional que processa as suas ideias associadas aos desejos e decisões.

Psicopedagogicamente, tal momento é paradigmático. O modo como se tem transitado por ele incidirá no posicionamento aprendiz do sujeito. Contudo, devemos recordar que não se trata de um episódio que se vive para sempre, mas que é um trabalho psíquico permanente,

que vai impondo-se com diferentes características diante dos diversos momentos de criatividade. O pensar e o aprender ligam-se e desligam-nos simultaneamente. Ligam-nos à cultura e à ciência, já que a sociedade, a escola e os outros devem ministrá-las como ensino e, por sua vez, também nos desligam. (Fernandez, 2001, pág.58).

A autora supracitada considera uma violência o outro escolher como atenderá aos desejos de uma criança pequena que ainda não consegue se expressar com palavras porque diante dos desejos, terceiros é que optaram por atender as suas necessidades e, que por muitas vezes, a criança não teve os seus desejos atendidos por falha na comunicação. Essa inquietude provocada pela confusão dos sinais emitidos pelo pequeno definirá o seu posicionamento como aprendiz do sujeito. O que posteriormente o afetará na sua liberdade de criação e imaginação e a instabilidade do pensar e o aprender com desligamento simultâneo e ao mesmo tempo a sua ligação a cultura, a ciência e ao ensino, que também se desligam.

Quando aprendemos, também necessitamos “relatar a nós mesmos” aquilo que aprendemos. Por isso, escrever é uma das melhores formas de ajudar-nos a pensar. Quando escrevemos, vai-se fazendo visível nosso pensamento, como se estabelecemos o diálogo entre ensinante e aprendiz. Tal diálogo, nem sempre harmônico, está mais ou menos favorecido pela possibilidade que tenha e, principalmente, tenha tido a pessoa, quando criança, para julgar em solidão e em companhia de outros. (FERNANDEZ, 2001, pág.59)

A mesma defende que a escrita fixa o aprendizado porque tornado visível o nosso pensamento ficando claro o diálogo estabelecido entre o ensinante e o aprendiz que por muitas vezes pode não ser harmônico, mas essa mesma conversa são referências do conhecimento de mundo reunidos em suas experiências de vida. Vejamos um outro exemplo de diálogo contracenado entre duas crianças e uma mulher.

Trata-se de um diálogo que escutei faz algum tempo. As meninas conversavam entre si. Sem a interferência de nenhum adulto, viram-se na necessidade de explicar o que quer dizer “aprender”. A que se refere esse verbo “aprender”, o qual se introduz outro verbo que costuma ser “ir”, “querer” ou “desejar”. E o objeto de conhecimento? Quando dizemos “quero aprender computação” ou “desejo estudar inglês”, ou “vou aprender matemática”, que relação se estabelece entre o querer e a computação, entre ir e a matemática, ou entre o desejar e o inglês? _Vou aprender a nadar_ disse Silvana com a alegria de seus seis anos recém-feitos. _Vai nadar? _ intervém a irmã, três

anos mais jovem. _Não, vou aprender a nadar. _Eu também vou brincar na piscina. _ Não é o mesmo. Eu vou aprender a nadar_ diz Silvina. _O que é aprender? _Aprender é ...como quando papai me ensinou a andar de bicicleta. Eu queria muito andar de bicicleta. Então.. papai me deu uma bici.. menor do que a dele. Me ajudou a subir . A bici sozinha cai, tem que segurar andando..._Eu fico com medo de andar com rodinhas. _Dá um pouco de medo, mas papai segurava a bici. Ele não subiu na sua bicicleta grande e disse "Assim se anda de bici..."Não, ele ficou correndo ao meu lado, sempre segurando a bici...muitos dias e, de repente, sem que eu me desse conta disso, soltou a bici e seguiu correndo ao meu lado. Então, eu disse: ah...APRENDI!!Uma mulher que escutava a cena de longe não pode deixar de ver a alegria do "aprender" pronunciado, que havia se trasladado até o corpo da menor aparecia no brilho de seus olhos. _Ah! Aprender é quase tão lindo quanto brincar_ respondeu . _Sabe, papai não fez como na escola. Não me disse "Hoje é dia de aprender a andar de bicicleta. Primeira aula: andar direito. Segunda aula: andar rápido. Terceira aula: dobrar. Não tinha um boletim onde anotar: muito bem, excelente, regular...porque, se tivesse sido assim, não sei, algo em meus pulmões não teria me deixado aprender.

Contudo, como exemplificado na conversa acima o aprendizado precisa ser atrativo e prático para o aprendente para que o mesmo deguste e seja satisfatório como andar de bicicleta em que se aprende e não se esquece nunca.

2.4 O INFANTE E A CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA

A consciência fonológica é uma habilidade do consciente no processo de alfabetização em que a criança tem a consciência dos sons, rimas, letras e formas. Assim como o seu uso no seu contexto social. Vejamos um exemplo citado por Morais (2020, pág.31):

Aos 4 anos e 4 meses, Pedro, sentado no banco de trás do carro, ia para a natação com a mãe. De repente ele começou a ter uma série de insights sobre palavras e sobre a escrita destas, e foi falando: _ Mamãe, veja: (ma)-(ri)-(a)! "Maria" tem três letras. (obs.: Maria é o nome de uma prima.)A mãe achou engraçado e explicou:Veja, Pedro, pra fazer um som, às vezes a gente junta mais de uma letra. O (ma) de "Maria" tem um "M" e um "A"; o (ri) tem um "R" e um "I", e depois tem um "A". Então, " Maria" tem cinco letras.Desculpe, mamãe mas você está errada! "Maria" tem três letras!Pepeu, mamãe está s  explicando como é, mas por que você não pergunta para a tia

Jô.(professora da escola)?-Mamãe, eu tô falando que “Maria” tem três letras e pronto!Continuando suas reflexões metalinguísticas, Pedro disse:Mamãe, “chicote” é “Chico” com um “T”. (Obs.: Chico é o nome de um coleguinha da sala de aula.)É, Pepeu, você tem razão. Muito bem!Pedro continuou falando o nome das coisas que via pela janela, enfatizando as divisões das palavras em sílabas(mã-gue-ra, ar-vo-re, far-ma-cia).Ao passar diante da farmácia, e depois de ter escandido a a palavra em três sílabas orais, falou:Mamãe, “ farmácia” é parecido com “Márcia”, mas não é igual. Muito bem, meu filho! você está sabido mesmo!

O menino Pedro, inicialmente, confunde letras com as sílabas, mas depois começa a observar que as palavras podem possuir sons parecidos e letras em comum e ao testar palavras do seu cotidiano ele percebe também que as rimas se fazem presentes nos exemplos citados por último no contexto.

No mesmo fim de semana, brincamos com Pedro de escrever palavras do jeito que a gente sabe. Ele produziu, então, as anotações que apareçam a seguir, na Figura 3, e que demonstravam que, apesar de ter avançado muito em suas habilidades de refletir sobre partes orais das palavras, ele continuava com uma hipótese pré- silábica de escrita (conforme a teoria da psicogênese da escrita de Ferreiro e Teberosky,1979). Chamamos a atenção do leitor para o dado de que, numa etapa inicial, crianças usam termos como “sílabas”, “letras” e “palavras” com interpretações diferentes daquelas que os livros e os adultos lhe ensinarão no ensino fundamental. Portanto, mesmo insistindo sobre o fato de que “Ma-ri-a “ “teria três letras”, Pedro provavelmente estava pensando em sílabas orais. O curioso é que ele ainda não era capaz de associar uma letra a cada sílaba oral, como se constatou na brincadeira de escrita espontânea de que participou.(MORAIS, 2020, pág.33 e 34)

As sílabas orais refletem a fase da escrita em que o menor está inserido e isso poderá ser momentâneo ou estacional e, por isso, é necessário estimulá-los para que superem e abram consciência dos sons perpassando pela pré silábica e assim por diante.

Cena 5: Aos 4 anos e 6 meses, Pedro passou correndo pela portaria do seu prédio, que estava em reforma, para se dirigir ao carro, onde sua avó o esperava. Ao chegar na calçada, parou e comentou com o avô:-vovô, “portaria” parece com “porcaria”, não é?Cena 6:Aos 4 anos e 7 meses, Pedro chegou na casa do avô propondo uma brincadeira:- Eu digo e você fala uma palavra. Diga uma palavra começada com /su/.E o avô perguntou:-como assim?Ao que ele respondeu:- “suco”,/su/ /súku/.Assim continuaram brincando. O avô trocou de turno e pediu:-Me diga uma palavra começada com /pa/.Pedro respondeu:-

“palito”, “palavrão”.(Obs. 1: O avô ficou assustado com o raciocínio metalinguístico, que permitia tratar “palavrão” como solução, já que é uma palavra sem referente palpável no mundo.)(obs.2: Pedro continuava com uma hipótese pré-silábica).(MORAIS, 2020, P.35)

Sendo assim, podemos constatar como esses momentos são importantes para o aguçar das palavras. O estímulo é responsável pela formação cognitiva da metalinguística em realizar trocas e desafios ligados ao som significante(som), significado(sentido e associação da imagem) aos signos linguísticos.

A reflexão dos sons e sua importância no ciclo de alfabetização é estridente aos sentidos corporais a capacidade de ouvir e emitir sons estão ligados a capacidade de vocabular e refletir sobre o uso.

Vale ressaltar, o contato com a língua materna excede fronteiras e conectam todos ao mesmo sistema linguístico: O idioma. Esse possui variações linguísticas que tão somente se liga ao costume, mas torna a difusão de ideias possíveis de serem pronunciadas e compreendidas no mesmo campo de ideias. O que pressupõe uma ação identitária que expressa uma tecnologia, além de nos diferenciar dos animais.

A capacidade de raciocínio é singular ao Homo Sapiens que são classificam como seres com capacidade de pensar e verbalizar as suas necessidades e ações por meio de palavras, o que nos coloca em posição ascensão histórica pontuadas na sabedoria em torno da última espécie já citada.

Toda evolução simboliza uma notoriedade de crescimento em torno de algo. Da mesma forma isso ocorre com o desenvolvimento cognitivo do infante que ao se perceber como um ser transformador do mundo tem o seu contato com o nome próprio, tomando também como referência os familiares mais próximos: pais, irmãos como localizadores de sons e, por sua vez, associação das letras e fonemas.

O aluno está inserido no mundo cheio de estímulos, placas, mensagem verbal e não verbal que entram no nosso campo de visão que perpassam a nossa mente com sinalizadores que fixam e provocam emoções e memórias acerca de palavras, rimas e acrósticos. Ou seja são inúmeras as possibilidades de uso social da língua, ligadas a alfabetização e letramento.

3. CONHECIMENTO APRISIONADO

O conhecimento aprisionado retém a ideia de que o ensino possa ser prisão que retrai e impossibilita a liberdade de expressão. Esse conteúdo isolado e impossibilitado gera um arredoma que incapacita a interação e discussões necessárias ao fluxo de aprendizados, dúvidas e trocas de ideias.

Essa caixinha que guarda conhecimentos arquivando pensamentos gera a interpretação de um aluno que muitas vezes se vê preso ao conteúdo que parece abstrato, extenso e confuso de lidar. O novo que flui na lousa pode não parecer atrativo para essa geração digital que tudo quer de imediato.

Sob esse viés, vemos o quanto o assunto científico gera conflitos e medos que amedrontam os estudantes e essa abstração do conhecimento precisa ser amparado como alguns instrumentos de suporte, como a base educacional que instrui e aponta as habilidades para cada fase da criança.

3.1 A BASE EDUCACIONAL

A base Educacional é o documento que expressa o fundamento institucional com base legal do Governo Brasileiro que asseguram os conteúdos que devem ser lecionados nas escolas públicas e particulares no nosso país . Vale lembrar as habilidades que devem ser trabalhadas em sala e temas sociais. Sem falar que a Educação Infantil era considerada uma fase de adaptação e preparatória para a escolarização. Vejamos no trecho, abaixo:

A expressão educação “pré-escolar”, utilizada no Brasil até a década de 1980, expressava o entendimento de que a Educação Infantil era uma etapa anterior, independente e preparatória para a escolarização, que só teria seu começo no Ensino Fundamental. Situava-se, portanto, fora da educação formal. Com a Constituição Federal de 1988, o atendimento em creche e pré-escola às crianças de zero a 6 anos de

idade torna-se dever do Estado. Posteriormente, com a promulgação da LDB, em 1996, a Educação Infantil passa a ser parte integrante da Educação Básica, situando-se no mesmo patamar que o Ensino Fundamental e o Ensino Médio. E a partir da modificação introduzida na LDB em 2006, que antecipou o acesso ao Ensino Fundamental para os 6 anos de idade, a Educação Infantil passa a atender a faixa etária de zero a 5 anos.(Brasil, 2017, p.32.)

Como vemos o processo de alfabetização tornou-se formal e obrigatório para o Estado e a Educação Infantil tornou-se parte inserida da Educação Básica, se equiparando ao Ensino Fundamental e Médio. Além disso, a partir da alteração da LDB em 2006, que antecipou o acesso ao Ensino Fundamental para os pequenos de 06 anos de idade. Sendo assim, a Educação Infantil abrange de 0 a 5 anos.

Essas alterações são importantes para a democratização do acesso a educação e tornar esse acesso obrigatório visa abranger a todos os alunos que estão inseridos no desenvolvimento alfabetizador. Porém, sabemos que mesmo sendo obrigatório o sistema tem as suas exceções e algumas crianças, infelizmente, não encontram vagas em escolas próximas a sua casa. O que é discriminatório e seletivo em um país que tem acentuado a desigualdade social, neste período pós pandemia: Covid-19.

Vale ressaltar, o quanto é difícil para os aprendentes se desvincularem da rotina com os seus familiares e dar início a uma nova dinâmica de adaptação escolar. As instituições educacionais assumem um papel de cuidadoras e os intensos choros, desesperados em ficar na sala de aula pode se tornar corriqueiro nos primeiros dias, mas logo se familiarizam e criam amizades, diálogos, compartilham canções e fatos sobre o seu dia a dia.

A interação durante o brincar caracteriza o cotidiano da infância, trazendo consigo muitas aprendizagens e potenciais para o desenvolvimento integral das crianças. Ao observar as interações e a brincadeira entre as crianças e delas com os adultos, é possível identificar, por exemplo, a expressão dos afetos, a mediação das frustrações, a resolução de conflitos e a regulação das emoções. (Brasil,2017. P.35)

Segundo o trecho do documento acima podemos observar como o brincar ganha espaço no aprendizado das crianças, o que constrói afetos, mediação das frustrações, a solução para os atritos e a estabilização das emoções. De uma maneira suave eles seguem em crescimento sob a mediação dos educadores, pais ou familiares isso vai se tornando fluido para que todos consigam aprender com a espontaneidade da infância.

DIREITOS DE APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

- Conviver com outras crianças e adultos, em pequenos e grandes grupos, utilizando diferentes linguagens, ampliando o conhecimento de si e do outro, o respeito em relação à cultura e às diferenças entre as pessoas.
- Brincar cotidianamente de diversas formas, em diferentes espaços e tempos, com diferentes parceiros (crianças e adultos), ampliando e diversificando seu acesso a produções culturais, seus conhecimentos, sua imaginação, sua criatividade, suas experiências emocionais, corporais, sensoriais, expressivas, cognitivas, sociais e relacionais.
- Participar ativamente, com adultos e outras crianças, tanto do planejamento da gestão da escola e das atividades propostas pelo educador quanto da realização das atividades da vida cotidiana, tais como a escolha das brincadeiras, dos materiais e dos ambientes, desenvolvendo diferentes linguagens e elaborando conhecimentos, decidindo e se posicionando.
- Explorar movimentos, gestos, sons, formas, texturas, cores, palavras, emoções, transformações, relacionamentos, histórias, objetos, elementos da natureza, na escola e fora dela, ampliando seus saberes sobre a cultura, em suas diversas modalidades: as artes, a escrita, a ciência e a tecnologia.
- Expressar, como sujeito dialógico, criativo e sensível, suas necessidades, emoções, sentimentos, dúvidas, hipóteses, descobertas, opiniões, questionamentos, por meio de diferentes linguagens.
- Conhecer-se e construir sua identidade pessoal, social e cultural, constituindo uma imagem positiva de si e de seus grupos de pertencimento, nas diversas experiências de cuidados, interações, brincadeiras e linguagens vivenciadas na instituição escolar e em seu contexto familiar e comunitário. (BRASIL, 2017.p.36)

Podemos perceber como os direitos concebidos as crianças para o seu desenvolvimento estimula a evolução das habilidades do convívio, brincadeiras, movimentos, gestos, expressão verbal e, acima de tudo, se conhecer como o sujeito

singular, com autonomia e de transformação da sua postura através da educação possibilita uma nova configuração de sociedade, a partir da garantia destes direitos em sala de aula.

QUADRO 1: CAMPO DE EXPERIÊNCIA O EU, O OUTRO E O NÓS

CAMPO DE EXPERIÊNCIAS “O EU, O OUTRO E O NÓS”

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO		
Bebês (zero a 1 ano e 6 meses)	Crianças bem pequenas (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses)	Crianças pequenas (4 anos a 5 anos e 11 meses)
(EI01EO01) Perceber que suas ações têm efeitos nas outras crianças e nos adultos.	(EI02EO01) Demonstrar atitudes de cuidado e solidariedade na interação com crianças e adultos.	(EI03EO01) Demonstrar empatia pelos outros, percebendo que as pessoas têm diferentes sentimentos, necessidades e maneiras de pensar e agir.
(EI01EO02) Perceber as possibilidades e os limites de seu corpo nas brincadeiras e interações das quais participa.	(EI02EO02) Demonstrar imagem positiva de si e confiança em sua capacidade para enfrentar dificuldades e desafios.	(EI03EO02) Agir de maneira independente, com confiança em suas capacidades, reconhecendo suas conquistas e limitações.
(EI01EO03) Interagir com crianças da mesma faixa etária e adultos ao explorar espaços, materiais, objetos, brinquedos.	(EI02EO03) Compartilhar os objetos e os espaços com crianças da mesma faixa etária e adultos.	(EI03EO03) Ampliar as relações interpessoais, desenvolvendo atitudes de participação e cooperação.
(EI01EO04) Comunicar necessidades, desejos e emoções, utilizando gestos, balbúrcios, palavras.	(EI02EO04) Comunicar-se com os colegas e os adultos, buscando compreendê-los e fazendo-se compreender.	(EI03EO04) Comunicar suas ideias e sentimentos a pessoas e grupos diversos.
(EI01EO05) Reconhecer seu corpo e expressar suas sensações em momentos de alimentação, higiene, brincadeira e descanso.	(EI02EO05) Perceber que as pessoas têm características físicas diferentes, respeitando essas diferenças.	(EI03EO05) Demonstrar valorização das características de seu corpo e respeitar as características dos outros (crianças e adultos) com os quais convive.

Conteúdo em discussão no CNF. Texto em revisão.

Fonte: BNCC 2017

Como ilustrado acima vemos como a criança precisa se perceber como indivíduo a partir de atividades que estimulem as habilidades do “eu”, “o outro” e nós. A individualidade a ser notada através da autonomia sobre o seu corpo, a empatia de ajudar o próximo e o “nós” em plena participação de uma sociedade plural.

QUADRO 2: CAMPO DE EXPERIÊNCIAS “CORPO, GESTOS E MOVIMENTOS”

CAMPO DE EXPERIÊNCIAS “CORPO, GESTOS E MOVIMENTOS”

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO		
Bebês (zero a 1 ano e 6 meses)	Crianças bem pequenas (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses)	Crianças pequenas (4 anos a 5 anos e 11 meses)
(EI01CG01) Movimentar as partes do corpo para exprimir corporalmente emoções, necessidades e desejos.	(EI02CG01) Apropriar-se de gestos e movimentos de sua cultura no cuidado de si e nos jogos e brincadeiras.	(EI03CG01) Criar com o corpo formas diversificadas de expressão de sentimentos, sensações e emoções, tanto nas situações do cotidiano quanto em brincadeiras, dança, teatro, música.
(EI01CG02) Experimentar as possibilidades corporais nas brincadeiras e interações em ambientes acolhedores e desafiantes.	(EI02CG02) Deslocar seu corpo no espaço, orientando-se por noções como em frente, atrás, no alto, embaixo, dentro, fora etc., ao se envolver em brincadeiras e atividades de diferentes naturezas.	(EI03CG02) Demonstrar controle e adequação do uso de seu corpo em brincadeiras e jogos, escuta e reconto de histórias, atividades artísticas, entre outras possibilidades.
(EI01CG03) Imitar gestos e movimentos de outras crianças, adultos e animais.	(EI02CG03) Explorar formas de deslocamento no espaço (pular, saltar, dançar), combinando movimentos e seguindo orientações.	(EI03CG03) Criar movimentos, gestos, olhares e mímicas em brincadeiras, jogos e atividades artísticas como dança, teatro e música.
(EI01CG04) Participar do cuidado do seu corpo e da promoção do seu bem-estar.	(EI02CG04) Demonstrar progressiva independência no cuidado do seu corpo.	(EI03CG04) Adotar hábitos de autocuidado relacionados a higiene, alimentação, conforto e aparência.
(EI01CG05) Utilizar os movimentos de preensão, encaixe e lançamento, ampliando suas possibilidades de manuseio de diferentes materiais e objetos.	(EI02CG05) Desenvolver progressivamente as habilidades manuais, adquirindo controle para desenhar, pintar, rasgar, folhear, entre outros.	(EI03CG05) Coordenar suas habilidades manuais no atendimento adequado a seus interesses e necessidades em situações diversas.

Conteúdo em discussão no CNE. Texto em revisão.

Fonte: BNCC 2017

Os objetivos de aprendizagens e desenvolvimentos expõem a necessidade de movimentar, expressar e ter domínio coordenativo sobre o seu corpo. O que visa evoluir de maneira integrada a locomoção em sua coordenação motora grossa que possibilite a exploração de ambientes, cuidados com o corpo ao controle da mão ao agir sobre a coordenação motora fina. Ao interferir sobre os traços e formas mais precisos.

QUADRO 3: CAMPO DE EXPERIÊNCIAS TRAÇOS, SONS, CORES E FORMAS.

CAMPO DE EXPERIÊNCIAS “TRAÇOS, SONS, CORES E FORMAS”

discussão no CNE. Texto em revisão.

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO		
Bebês (zero a 1 ano e 6 meses)	Crianças bem pequenas (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses)	Crianças pequenas (4 anos a 5 anos e 11 meses)
(EI01TS01) Explorar sons produzidos com o próprio corpo e com objetos do ambiente.	(EI02TS01) Criar sons com materiais, objetos e instrumentos musicais, para acompanhar diversos ritmos de música.	(EI03TS01) Utilizar sons produzidos por materiais, objetos e instrumentos musicais durante brincadeiras de faz de conta, encenações, criações musicais, festas.
(EI01TS02) Traçar marcas gráficas, em diferentes suportes, usando instrumentos riscantes e tintas.	(EI02TS02) Utilizar materiais variados com possibilidades de manipulação (argila, massa de modelar), explorando cores, texturas, superfícies, planos, formas e volumes ao criar objetos tridimensionais.	(EI03TS02) Expressar-se livremente por meio de desenho, pintura, colagem, dobradura e escultura, criando produções bidimensionais e tridimensionais.
(EI01TS03) Explorar diferentes fontes sonoras e materiais para acompanhar brincadeiras cantadas, canções, músicas e melodias.	(EI02TS03) Utilizar diferentes fontes sonoras disponíveis no ambiente em brincadeiras cantadas, canções, músicas e melodias.	(EI03TS03) Reconhecer as qualidades do som (intensidade, duração, altura e timbre), utilizando-as em suas produções sonoras e ao ouvir músicas e sons.

Fonte: BNCC 2017

No campo das experiências: Traços, sons, cores e formas exibe as habilidades ligadas ao som, tato e visão que são os sentidos que provocam experiências com o meio que facilitam a capacidade de criar, imaginar, testar diferentes texturas, sons e imagens.

QUADRO 4: CAMPO DE EXPERIÊNCIAS “ESPAÇOS, TEMPOS, QUANTIDADES, RELAÇÕES E TRANSFORMAÇÕES.”

CAMPO DE EXPERIÊNCIAS “ESPAÇOS, TEMPOS, QUANTIDADES, RELAÇÕES E TRANSFORMAÇÕES”

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO		
Bebês (zero a 1 ano e 6 meses)	Crianças bem pequenas (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses)	Crianças pequenas (4 anos a 5 anos e 11 meses)
(EI01ET01) Explorar e descobrir as propriedades de objetos e materiais (odor, cor, sabor, temperatura).	(EI02ET01) Explorar e descrever semelhanças e diferenças entre as características e propriedades dos objetos (textura, massa, tamanho).	(EI03ET01) Estabelecer relações de comparação entre objetos, observando suas propriedades.
(EI01ET02) Explorar relações de causa e efeito (transbordar, tingir, misturar, mover e remover etc.) na interação com o mundo físico.	(EI02ET02) Observar, relatar e descrever incidentes do cotidiano e fenômenos naturais (luz solar, vento, chuva etc.).	(EI03ET02) Observar e descrever mudanças em diferentes materiais, resultantes de ações sobre eles, em experimentos envolvendo fenômenos naturais e artificiais.
(EI01ET03) Explorar o ambiente pela ação e observação, manipulando, experimentando e fazendo descobertas.	(EI02ET03) Compartilhar, com outras crianças, situações de cuidado de plantas e animais nos espaços da instituição e fora dela.	(EI03ET03) Identificar e selecionar fontes de informações, para responder a questões sobre a natureza, seus fenômenos, sua conservação.
(EI01ET04) Manipular, experimentar, arrumar e explorar o espaço por meio de experiências de deslocamentos de si e dos objetos.	(EI02ET04) Identificar relações espaciais (dentro e fora, em cima, embaixo, acima, abaixo, entre e do lado) e temporais (antes, durante e depois).	(EI03ET04) Registrar observações, manipulações e medidas, usando múltiplas linguagens (desenho, registro por números ou escrita espontânea), em diferentes suportes.
(EI01ET05) Manipular materiais diversos e variados para comparar as diferenças e semelhanças entre eles.	(EI02ET05) Classificar objetos, considerando determinado atributo (tamanho, peso, cor, forma etc.).	(EI03ET05) Classificar objetos e figuras de acordo com suas semelhanças e diferenças.
(EI01ET06) Vivenciar diferentes ritmos, velocidades e fluxos nas interações e brincadeiras (em danças, balanços, escorregadores etc.).	(EI02ET06) Utilizar conceitos básicos de tempo (agora, antes, durante, depois, ontem, hoje, amanhã, lento, rápido, depressa, devagar).	(EI03ET06) Relatar fatos importantes sobre seu nascimento e desenvolvimento, a história dos seus familiares e da sua comunidade.

Conteúdo em discussão no CNF Texto em revisão

4;

Fonte: BNCC 2017

O campo de experiências ligadas aos espaços, tempos, quantidades, relações e transformações difundem a exploração de descobrir, descrever, compartilhar com as demais crianças, classificar por tamanho, perto, longe, assim como ontem, hoje e amanhã possibilitam um ser que está se formando para ser consciente de si e das transformações no mundo.

QUADRO 5: CAMPO DE EXPERIÊNCIAS “ESCUTA, FALA, PENSAMENTO E IMAGINAÇÃO.”

CAMPO DE EXPERIÊNCIAS “ESCUTA, FALA, PENSAMENTO E IMAGINAÇÃO”

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO		
Bebês (zero a 1 ano e 6 meses)	Crianças bem pequenas (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses)	Crianças pequenas (4 anos a 5 anos e 11 meses)
(EI01EF01) Reconhecer quando é chamado por seu nome e reconhecer os nomes de pessoas com quem convive.	(EI02EF01) Dialogar com crianças e adultos, expressando seus desejos, necessidades, sentimentos e opiniões.	(EI03EF01) Expressar ideias, desejos e sentimentos sobre suas vivências, por meio da linguagem oral e escrita (escrita espontânea), de fotos, desenhos e outras formas de expressão.
(EI01EF02) Demonstrar interesse ao ouvir a leitura de poemas e a apresentação de músicas.	(EI02EF02) Identificar e criar diferentes sons e reconhecer rimas e aliterações em cantigas de roda e textos poéticos.	(EI03EF02) Inventar brincadeiras cantadas, poemas e canções, criando rimas, aliterações e ritmos.
(EI01EF03) Demonstrar interesse ao ouvir histórias lidas ou contadas, observando ilustrações e os movimentos de leitura do adulto-leitor (modo de segurar o portador e de virar as páginas).	(EI02EF03) Demonstrar interesse e atenção ao ouvir a leitura de histórias e outros textos, diferenciando escrita de ilustrações, e acompanhando, com orientação do adulto-leitor, a direção da leitura (de cima para baixo, da esquerda para a direita).	(EI03EF03) Escolher e folhear livros, procurando orientar-se por temas e ilustrações e tentando identificar palavras conhecidas.
(EI01EF04) Reconhecer elementos das ilustrações de histórias, apontando-os, a pedido do adulto-leitor.	(EI02EF04) Formular e responder perguntas sobre fatos da história narrada, identificando cenários, personagens e principais acontecimentos.	(EI03EF04) Recontar histórias ouvidas e planejar coletivamente roteiros de vídeos e de encenações, definindo os contextos, os personagens, a estrutura da história.
(EI01EF05) Imitar as variações de entonação e gestos realizados pelos adultos, ao ler histórias e ao cantar.	(EI02EF05) Relatar experiências e fatos acontecidos, histórias ouvidas, filmes ou peças teatrais assistidos etc.	(EI03EF05) Recontar histórias ouvidas para produção de reconto escrito, tendo o professor como escriba.

Conteúdo em discussão no CNE. Texto em revisão.

Fonte: BNCC 2017

As capacidades da articulação da fala, pensamento e, por sua vez, imaginação revelam a atividade de reconhecer nomes, dialogar, expressar ideias, demonstrar interesse ao ouvir histórias, recontar, folhear livros, imitar as falas ao experimentar ser o contador da vez.

3.2 OS PROBLEMAS DE APRENDIZAGENS: A INTELIGÊNCIA APRISIONADA

Os problemas de aprendizagens por muitas vezes podem limitar a capacidade livre e espontânea da inteligência em aprender, ensinar e também em se possibilitar estar aberto a novas possibilidades que difundem o saber se unem ao estar livre ou aprisionado. O saber pode ser definido como a inteligência aprisionada que retém o conhecimento ao restringir ideias e espontaneidade que podem tornar o poder condensado a uma educação tradicional e autoritária.

O saber é perigoso a partir da fantasmática inconsciente de todo ser humano. As respostas ante esta periculosidade diferem em algumas circunstâncias familiares que atualizam o perigo a partir de determinados acontecimentos e significações que, desde o real, marquem esse perigo. (Fernandez, 1991, pág.40)

Sob essa perspectiva vemos a linha tênue entre a fantasmática e o real que se aproximam e repelem o perigo a partir das situações vivenciadas pelo aprendente que constituem um histórico de eventuais bloqueios ou gatilhos ligados ao aprendizado. Pensando nisso, vemos como o saber surte um ar perigoso ao ser humano que em sua reposta demarcam o novo como instável a uma confiança.

A distância entre o imaginário e o real ligam-se ao conhecimento uma vez aprisionado que limitam a todos o seu acesso e retrai as novidades de um saber a ser difundido e alcançado a um todo social. Quando isso ocorre a inteligência uma vez limitada aprisiona o aprendiz a uma só possibilidade: estagnar a sabedoria.

O estacionamento do conhecimento retrai a todos e impossibilita o acesso que tanto necessitamos. A luz disso observamos a inconsciência humana que alerta sobre eventuais possibilidades para o perigo das significações da sua palavra ligadas as experiências experimentadas pelo sujeito.

Se bem que qualquer pai tem um determinado ideal da criança no qual intervém uma imagem de aprendente, somente se apresenta um terreno para futuras patologias quando o papel destinado é estático (sem possibilidade dos Pais para modificá-lo ou quando há contradição entre os papéis atribuídos por ambos os pais).” Eu sempre pensei que meu filho seria Engenheiro como o tio, diz a mãe. Porém, vai sair igual a mim, que não passei do segundo grau”, diz o pai. (Fernandez, 1987, pág.41)

Como vemos um exemplo acima os pais muitas vezes apresentam um modelo de aprendente que podem desencadear problemas como doenças, um papel que permanece na inércia e modificação compromete a relação do pai e filho: São as comparações realizadas entre os familiares, sejam: os próprios familiares entre primos, sobrinhos e filhos comprometem, gerando contradição entre verdadeiro papel que lhe é destinado aos pais.

O aprendiz que precisa se sentir motivado a aprender e tomar como autonomia sobre sua própria vida e essa espontaneidade em relação a sua inteligência é significativa ao ponto de desmistificar um único modelo de aprendizado. O que remete a luz das ideias frente a comunicação dos neurônios que por sua vez desmistifica tudo que antes foi pré-estabelecido de uma forma padrão por alguém seja um genitores ou a própria sociedade que por muitas vezes reflete suas expectativas em uma criança a fim de se realizar através daquelas conquistas espelhadas pelos seus desejos que não foram realizados ou que também já possam ter sido realizado de uma maneira e que configuram em uma nova apresentação passada para seu filho que isso comprometerá a sua relação e conseqüentemente os laços serão comprometidos diante de tantas cobranças.

As cobranças surgem em meio a expectativas mantidas ou pessoas próximas que estabelece uma relação tóxica a ponto de decidir pelos filhos não sendo um ato democrático e muito menos individual tratar o coletivo tanta evidência ponto de deste coletivo tomar as decisões pelo próprio indivíduo que precisa traçar suas ideias considerar seus sonhos e ver suas expectativas como parte do processo de aprendizado na qual uma situação das ideias.

Por muitas vezes os filhos se sentem presos a uma inteligência estipulada por terceiros que caçaram ideias engessadas e convencem a seus filhos lhe seguirem seus passos a ponto de desconsiderarem o seu próprio número o número que pode estar sobre o solado de um sapato que não lhe serve. Ah o conhecimento ele não precisa ser um presídio nem muito menos um cárcere, mas sim um portal que nos leva a outra dimensão do saber e no destino um poder de conhecer novas coisas e se apossar de novas ideias, assim como, novos ideais. Estudar não é fardo e sim uma forma de conceber um novo conceito cognitivo a ponto de liberar raciocínios alento e modo rápidos a partir de que usamos ele nos mostra a sua capacidade aumentada tanto em reflexos códigos, decodificações valores que possam ter se perdidos em

meio ao desistimos em continuar batalhando por dias melhores. A estrutura familiar é algo primordial para que a criança com centro energias positivas e possa ter autoconfiança sem medo de errar e sim dispostas a aprender.

A interação conecta em meio a uma comunicação que foi estabelecida entre duas pessoas ou mais e esse Elo comunicativo é totalmente influenciado pela articulação da fala pensamento imaginação capacidade cognitiva e consciência fonológica a consciência dos sons que tanto nos guiam na associação de letras e sons e por sua vez sílaba simples Até as mais complexas que com a leitura de livros infantis promovem uma capacidade abrangente de reconhecimento compreensão e interpretação textual.

Sob a luz das ideias constatamos que o passado e presente do alunado deverá ser observado para visualizarmos frente as dificuldades apresentadas pelo mesmo. Os familiares contribuirão com as respostas a respeito dos fatores situacionais, gestação, infância e entre outros para que toda equipe possa traçar o caminho a se chegar ao inconsciente e desbloquear todo o perigo acionado no alerta de resistência.

Vale ressaltar que tudo que nos tocam como vivências podem nos marcar positivamente ou impossibilitar a espontaneidade do saber. A inteligência não deve ser aprisionada, mas sim expandida de forma a contagiar a todos positivamente para que o plural seja bem servido com a fonte mais prazerosa: a inteligência. Beber dessa fonte é sorver do mais pura bebida que nos tange a uma incorporação experimental nos classificando como sábios.

Essa dinâmica flui a uma feliz classificação que deixa livre o saber para que atenda a um conjunto não lhes restringindo a uma vida com gatilhos negativos e privações que disparam o aprisionando as dificuldades de aprendizagem. Mas elas podem soar como solúveis ao acessível suporte pedagógico que deveria chegar para atender essas demandas escolares.

Sobre essa consideração detectamos a rede de suporte que deveríamos ter acesso para que o desenvolvimento chegue as escolas e de maneira a tornar democrático o acesso a educação de qualidade para todos os educandos que criam expectativas e desesperanças frente as aulas e avaliações.

Essa distorção pode ser frequente nas salas de aulas que ignoram as dificuldades dos mais variados públicos que buscam o novo, mas podem resistir na

mesma proporção que é discriminado pelo sistema que simplesmente ignora os que não absorvem o que lhes é destinado e ainda inacabado pelo condensado que toma forma.

A abstração das ideias tidas como perigosas invadem as cabeças dos alunos a ponto de o reduzirem a incapacidade de aprender o código. O assunto mais conciso que for abstraído de uma irracional ideia confusa e associada a ponto no automático o desconecta do real, o que o redimensiona para o trauma que por sua vez é o ponto de bloqueio a novas conquistas na aquisição do conhecer.

A aprendizagem é um processo cuja matriz é vincular e lúdica é sua raiz corporal; seu desdobramento criativo impõe-se em jogo por meio da articulação inteligência desejo e do equilíbrio assimilação-acomodação. No humano, a aprendizagem funciona como equivalente funcional do instinto. Para dar conta das fraturas no aprender, precisamos atender aos processos (à dinâmica, ao movimento, às tendências) e não aos resultados ou redimensionamentos (sejam escolares ou psicométricos). (Fernández, 1991, pág.48)

Sob o aspecto já mencionado configura no processo do aprender na assimilação- acomodação onde atendemos no processo da alfabetização, vemos também que as fraturas no atender pode ser atenuado com as atividades com dinâmicas, o movimento e as tendências ligadas entre si.

Há sempre uma relação entre o símbolo e o simbolizado no processo do conhecimento. Vejamos:

Não se simboliza qualquer coisa com outra. Existe sempre um tipo de ligação com o simbolizado e o símbolo escolhido. Conhecendo como funciona o processo de conhecimento, estaremos em melhores condições para saber o que é que se simboliza através dele. Igualmente, se a criança em lugar de "mamãe" escreve "nanãe", não vamos interpretar rápida e universalmente que existe um problema entre mamãe e o nenê. É muito difícil encontrar uma criança que apenas se equivoque com o m da palavra mamãe; ao contrário, nos mostrara esta fusão com outras palavras. (Fernandez, 1987, pág. 43)

A sintonia do aprendizado reluz que o conhecer é levar em conta além do que está aparentando no primeiro momento. É investigar como tudo isso poderá ter ocasionado o problema ligado a pronuncia das palavras e, por sua vez, a dicção.

Devemos considerar também como a fusão das palavras poderá fazer parte de uma fase da criança envolvida na evolução do saber.

O aprender possui caminhos que possibilitam uma saída da prisão. Essa liberdade do conhecimento é a pleno exercício do ensino democrático em que todos possuem o acesso e estabelecem as suas próprias teorias a respeito do objeto de estudo. O que presume o papel de protagonista no sistema plural que não retrai, mas atrai aprendizes ao uso pleno da cidadania.

3.3 ANÁLISE DE ALGUNS CONTOS DE FADAS DOS IRMÃOS GRIM

Os irmãos Grim foram os pioneiros no conhecimento dos contos de fadas que reuniam os primeiros exemplares acerca do conhecimento o gênero já citado, mas não só foram a campo como se preocuparam de escrever e adaptar as mais variadas versões que ganharam mundo e encantaram e encantam até hoje os mais diversos públicos.

3.3.1 A PALHA, O CARVÃO E O FEIJÃO

Em um vilarejo, vivia uma mulher velha e pobre, que havia juntado alguns feijões e queria cozinhá-los. Então, ela preparou a lareira e, para que queimasse mais rápido, acendeu com um punhado de palha. Quando estava despejando os feijões na panela, um caiu sem que ela percebesse, pousando no chão ao lado de uma haste de palha. Pouco tempo depois, um pedaço de carvão em brasa saltou da lareira e se juntou a eles. A palha disse:

_ Caros amigos, como vieram parar aqui?

O carvão respondeu:

- por sorte, escapuli do fogo e se não tivesse conseguido escapar minha morte seria certa; eu teria queimado até virar cinza.

O feijão disse:

-Eu também escapei com a pele intacta, mas se a velha tivesse me colocado na panela, eu teria sido transformado em sopa sem qualquer misericórdia, como meus companheiros.

_Vocês acham que o destino de meu povo seria muito melhor? _ disse a palha._A velha destruiu meus irmãos no fogo e na fumaça; pegou sessenta deles de uma vez só e tirou-lhes a vida. Por sorte, escapuli por entre os dedos dela.

Mas o que faremos agora? indagou o carvão.

_Penso _respondeu o feijão _ que somos tão afortunados por termos escapado da morte que deveríamos nos manter juntos, como bons companheiros e, para evitar que outro infortúnio nos aconteça por aqui, devemos partir junto a um país estrangeiro.

A proposta agradou os outros dois e eles zarparam em sua jornada juntos. Pouco tempo depois, chegaram a um pequeno córrego e então vocês podem caminhar sobre mim como uma ponte.

A palha, então, esticou-se de uma margem à outra, e o carvão, que tinha um ânimo impetuoso, marchou sagazmente pela ponte recém – construída. Porém quando chegou ao meio e ouviu a água correndo por debaixo dela, ficou com medo e paralisou, sem seguir adiante. A palha, no entanto, começou a queimar, partiu-se ao meio e caiu no riacho. O carvão caiu logo em seguida, sibilou quando atingiu a água e deu seu último suspiro.

O feijão, que, prudentemente, havia aguardado na margem, não pôde evitar rir da situação, não conseguiu parar, e riu com tanto vigor que explodiu. O mesmo infortúnio teria lhe acontecido se, por sorte, um alfaiate que estava viajando em busca de trabalho não tivesse se sentado para descansar a beira do córrego. Como tinha um coração piedoso, o alfaiate sacou de linha e agulha e costurou o feijão de volta. O feijão o agradeceu acaloradamente, mas como o alfaiate usou linha preta, todos os feijões, desde então, têm linhas pretas.

Sob o contexto descrito acima vemos como a inteligência emocional metaforicamente citada acima descreve uma hipótese de explicação da cor do feijão preto através de exemplos e comparações. Mas também observamos como quem se distrai e rir do outro poderá ter um fim trágico.

3.3.2 O RATO, O PÁSSARO A SALSICHA

Certa vez, um rato, um pássaro de uma salsicha formaram uma sociedade e construíram a casa juntos. Por um bom tempo, tudo correu bem: eles viviam com conforto e prosperaram tanto a ponto de conseguirem aumentar significativamente seu patrimônio. A tarefa do pássaro era voar todos os dias até o bosque e trazer lenha; o rato pegava água; e a salsicha cuidava da cozinha.

Quando se está em uma situação muito confortável, logo se começa a ansiar por algo novo. E então aconteceu que o pássaro, em um dia que estava fora, encontrou outro pássaro, em um dia que estava fora, encontrou outro pássaro, a quem se gabou sobre as maravilhas de seu acordo doméstico. Porém o outro pássaro zombou dele por ser um tolo que fazia todo o trabalho pesado, enquanto os outros dois ficavam em casa e se divertiam, ou seja, depois de acender o fogo e pegar a água, o rato podia se recolher em seus aposentos e descansar até a hora da mesa ser colocada. A salsicha só precisava ficar de olho na panela para garantir que a comida estivesse devidamente cozida e quando estava perto na hora da janta, ela apenas saltava para dentro do caldo, ou rolava por entre os legumes três ou quatro vezes para que ficassem engordurados, salgados e prontos para serem servidos. Então, quando o pássaro chegava em casa e sua tarefa estava cumprida, eles colocavam a mesa, e quando haviam terminado a refeição, podiam dormir até a manhã seguinte; e essa era realmente uma vida maravilhosa.

Influenciados por esses comentários, na manhã seguinte, o pássaro se recusou a pegar a lenha, alegando que já tinha sido escravo dos dois por tempo suficiente, que havia sido ludibriado naquele acordo, que estava na hora de fazer uma mudança e tentar um novo arranjo dos trabalhos. Por mais que o rato e a salsicha ponderassem, não adiantou de nada, pois o pássaro continuou dono da situação e uma mudança precisou ser feita. Eles fizeram, portanto, um sorteio e coube à salsicha trazer a lenha, ao rato cozinhar e ao pássaro buscar água.

E o que aconteceu? a salsicha saiu em busca de lenha, o pássaro acendeu o fogo e o rato preparou a panela, e os dois esperaram que a salsicha retornasse com a lenha para o dia seguinte. Porém a salsicha ficou tanto tempo fora que eles ficaram preocupados e o pássaro saiu para procurá-la. Ele não tinha ido longe, no entanto

quando se deparou com um cachorro que, ao encontrar a salsicha, encarou-a como uma recompensa legítima, a abocanhou e engoliu. O pássaro repreendeu o cachorro pelo roubo descarado, mas nada que ele disse surtiu qualquer efeito, pois o cachorro respondeu que havia encontrado a salsicha com documentos falsos e que esse era o motivo pela qual que ela perdera a vida.

O pássaro pegou a lenha, voltou para casa com muita tristeza e contou ao rato tudo que tinha visto e ouvido. Ambos ficaram muito infelizes, mas concordaram em fazer o melhor que pudessem e continuar juntos.

Então, o pássaro pôs a mesa e o rato cuidou da comida e, querendo prepará-la da mesma forma que a salsicha, rolando entre os legumes para salga-la e engordurá-los, pulou dentro da panela, mas ficou paralisado bem antes de chegar ao fundo, tendo perdido não apenas seus pelos e sua pele, mas também a sua vida.

Naquele momento, o pássaro retornou e quis servir o jantar, mas não conseguiu encontrar o rato em lugar algum. Aflito e consternado ele largou a lenha no chão, chamou e procurou, mas não havia cozinheiro algum. Então, parte da lenha que havia sido descuidadamente largada pegou fogo e começou a queimar. O pássaro correu para pegar um pouco d'água, mas seu balde caiu no poço e ele tombou logo em seguida, mas como não conseguiu escapar, afogou-se.

Nesse conto de fadas vemos como um comentário pesou no destino de todos os envolvidos. No entanto, nota-se como a mudança de ofício determinou o fim da vida dos três personagens. Sendo assim, vemos como a prosperidade é separada pela linha tênue que configura o declínio de todos os personagens da trama.

3.4 A PSICOLOGIA NA REDENÇÃO DOS CONTOS DE FADAS

A psicanálise vem atender o inconsciente dos leitores que buscam respostas nas suas leituras para as suas inquietações e isso se configura em um apoio relativo a integração da identidade do leitor que busca se formar no intelecto das ideias por meio de uma leitura suave que proporcione prazer e, por vezes, a diversão.

A leitura descontraída dos contos realça uma prática de contato com outras culturas e histórias que descrevem um histórico rico em detalhes que desenham um

lugar, personagens e problemas comuns da época que nos fazem entender como se vivia naquela época.

A psicologia presa nas entrelinhas mostram que tudo que fora mencionado pode ser notado na vida real e que a inteligência emocional é o centro das conexões e a razão, por sua vez, flui a medida que a inteligência e o autocontrole ganham espaços. A relevância deste elo é a mesma conexão da sintonia que os dois se conectam com a vida do indivíduo.

A palavra redenção não deveria ser associada ao dogma e à teologia cristã, em que ela é um conceito com inúmeras conotações. Nos contos de fadas, redenção refere-se especificamente a uma condição na qual alguém foi amaldiçoado ou enfeitiçado e é redimido por meio de certos acontecimentos ou eventos da história. É, por tanto, uma condição muito diferente daquela que está implícita na ideia cristã. (FRANZ, 1915-1998, p.9)

Como fora mencionado acima a palavra redenção se refere a maldição e feitiço que se redime aos sucessivos episódios da história, toda magia e imaginação presentes na história que narra fatos considerados do folclore foram contados em momentos circulares as conversas nas rotineiras noites de frio.

Vemos aqui o fator de construção do ego em ação, por meio de um fascínio que induz a imitação. Se por um lado, estudarmos as sociedades primitivas, teremos o mesmo fenômeno sob outra forma, pois nelas apenas o rei ou o chefe ou o feiticeiro tem a qualidade de ser individual. (Franz, 1915-1998, p.20)

Segundo o autor supracitado a construção do ego parte do pressuposto da admiração que por conseguinte a imitação. Ele relata também uma cultura que apenas o rei ou chefe possuía a sua individualidade preservada. O que enfatiza um exagero a supremacia do poder que mantém para si a sua identidade as custas da negação do seu direito ao uso fruto da singularidade as outras camadas da sociedade que é ignorada.

Conforme Franz (1995-1998, p.25) “Quando existe culpa no conto de fadas, ela é de natureza aparentemente secundária, em virtude da qual a maldição recai sobre

a figura.” O que enfatiza a lei do retorno tão difundida hoje nos diálogos, mas que diz muito sobre a metáfora em relação a culpa e a maldição sobre a figura culpada.

Vale ressaltar como os contos compartilhados na época relatavam sobre as preocupações, os problemas e os anseios que certamente angustiavam e tiravam boa parte do tempo dedicados ao pensamento sobre esses temas conflitantes e tumultuosos da época.

É notório que não chegavam a ser complexos, mas que resumiam todo o período, lugar e pessoas envolvidas neste momento da história que traziam efeitos sobre a sociedade, valores, modo de ver a vida e todos envolvidos neste processo que só acrescenta em imaginação destes aqui retratados.

O medo em torno da palavra feitiço impossibilita a comunicação entre diferentes povos. A mágica em torno da vida escolar de uma criança e a transformação deste momento reflete em como estamos dispostos a este processo da mudança.

Usualmente, um paciente que entra em análise e tentou de tudo o que podia ser feito na situação consciente, e defrontamo-nos, portanto, com a questão crítica que nos é deixada pela sociedade de descobrir o que a pessoa, em sua situação particular deveria fazer; nesse caso pode-se dizer que o comportamento certo pode ser descrito como aquele que está de acordo com a totalidade de personalidade psicológica. (Franz,1995-1998,pág.29)

A exemplo do que foi defendido pelo autor a análise psicológica é traçada a partir de uma totalidade em torno do desenho da personalidade da pessoa em exame. Assim descreve-se um comportamento diante de um padrão do esperado para o normal que ao ser comparado poderá surtir um traço de personalidade da paciente observado.

O autor Franz(1995-1998) relata que “A situação nos contos de fadas é semelhante, porquanto pode ser afirmado que o herói e heroína representam modelos para um bom funcionamento do ego em harmonia com a totalidade psíquica.” Os contos de fadas ilustram a consciência em estabilidade com o ego e essa maneira figurada de demonstrar o controle emocional em análise revela o quanto a fantasia expõe a integridade da personalidade em formação para que os pequenos vejam um modelo de racionalidade leve em plena literatura.

Por outro lado o mesmo revela que “obviamente a natureza adotou os animais com esse impulso instintivo, compelindo-os a mudar seus lugares de alimentação e

não comer em um só lugar.” Isso revela a necessidade de defesa dos selvagens como meio de sobrevivência para que não virem presas das suas caças numa maneira da cadeia alimentar represente também a seleção natural.

O estudioso fala também em o quanto a água poderá representar a purificação proporcionada pelo batismo, mas também a limpeza do corpo de energias ruins. Essa limpeza representa bem mais que só a remoção das sujeiras, mas a centralidade das ações e reflexões. Essa simbologia é significativa porque precisamos entender que esses códigos visualizam uma conexão com a psiquê.

A psicologia se faz espontânea nas linhas das histórias infantis que circulam nas rodas de leituras das mais variadas páginas de narrativas sobre os contos iniciados por Era uma vez, representativos da idade Média com personagens como: rei, rainha, príncipe e princesa e tantos outros que configuram um texto de linguagem fácil, popular e de estímulo potencial a leitura. Mas também de uma forma humorada, leve, traduz uma habilidade da inteligência emocional e se tornem, um dia, adultos conscientes dos seus corpos e mentes.

4. METODOLOGIA

4.1 LÓCUS DA PESQUISA

No início do século XX, entre os anos de 1908 e 1913, o governo de Alberto Maranhão inaugura uma nova era na capital potiguar, cujos historiadores denominam de 'Modernidade de Natal'. Alberto Maranhão faz um empréstimo com a França e começa a investir na infraestrutura da cidade. Natal passa a ter iluminação pública, com lampiões a gás, além de bondes puxados por animais; além do término de importantes construções, como a do teatro Alberto Maranhão e o prédio que atualmente abriga a Ordem dos Advogados do Brasil no estado (OAB/RN), além da sede do Tribunal de Justiça do RN, onde funcionou o Instituto Histórico do Estado. O sítio urbano onde está atualmente assentada a cidade de Natal foi um ponto geoestratégico importante durante o período dos descobrimentos, situação que gerou a cobiça de vários povos europeus, como franceses, portugueses e holandeses. As tropas colonizadoras da França fizeram várias incursões no território natalense, contudo, Portugal foi o primeiro país a estabelecer no local um equipamento militar.

Em 1912, a cidade passa a ter bairros. Tirol e Petrópolis eram chamados de 'Cidade Nova'. Além destes, tinha ainda o Alecrim e a Ribeira. Nesta época, foi elaborado um planejamento da cidade. As avenidas que atualmente homenageiam presidentes do Brasil, como a Afonso Pena, Rodrigues Alves, Campos Sales, foram planejadas durante este período.

Base Americana em Natal, RN.



Fonte: (reprodução do livro câmara cascudo)

"É impressionante como o arquiteto que traçou a cidade era visionário. Ele desenhou avenidas largas, arborizadas, com canteiros centrais e que atendem aos natalenses até hoje. E foi pensado num momento em que a cidade não tinha carros... quer dizer, deveria ter dois ou três veículos", comentou Coquinho.

Outro acontecimento que inaugura uma nova fase na capital é a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial, em 1942, ao lado dos Estados Unidos. Natal passa a ter uma base americana que atrai investimentos e um povoamento de 10 mil soldados americanos - aumentando em 20% a população local. Um novo capítulo da história de Natal surgiu aí.

Atualmente:



Fonte: Natal, capital do Rio Grande do Norte (Foto: Canindé Soares).

A construção da Fortaleza dos Reis Magos, no ano de 1597, resultou no início da instalação de um pequeno povoado. A cidade de Natal foi oficialmente fundada dois anos mais tarde, ou seja, em 1599, por meio da delimitação oficial das tropas portuguesas. O nome da cidade, inclusive, está ligado à data de demarcação do território natalense, dia 25 de dezembro de 1599.



Fonte: <https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/natal.htm>

A Fortaleza dos Reis Magos, construída no ano de 1597, é um dos principais pontos turísticos de Natal. Mesmo assim, a criação do

forte militar pelos portugueses não evitou, anos depois, a invasão de tropas holandesas no município. Os holandeses rebatizaram a cidade com o nome de Nova Amsterdã. Ademais, influenciaram em vários aspectos na cultura local, como na arquitetura e nos costumes. A cidade foi recuperada pelos portugueses após alguns anos de embates militares. Desde então, permaneceu por muito tempo como um pequeno núcleo urbano, alicerçado em práticas como a pesca e a agricultura de subsistência.

No último século, a cidade de Natal apresentou um crescimento significativo, em especial, devido a sua localização estratégica. Nesse contexto, destaca-se o papel da capital potiguar como uma importante base de apoio para a participação do Brasil e de países aliados durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). As tropas estadunidenses, por exemplo, frequentaram várias localidades natalenses. Desde então, a cidade aumentou a sua importância política e econômica para o território brasileiro. Na atualidade, é um dos principais centros urbanos do Nordeste do Brasil.

4.2 HISTÓRICO DA CRIAÇÃO

A pesquisa desenvolvida na escola CMEI Belchior Jorge de Sá, na zona Norte, em Natal, RN. A diretora Y relatou que a escola foi construída no espaço da horta de uma escola vizinha e que a comunidade se organizou em abaixo assinado para que fosse construída ali a creche. Depois de muito apelo, o professor atuante Belchior, conhecido pela secretária X da Educação, que batizou a escola com o seu nome. Ele faleceu num acidente de trânsito há 10 anos e a escola possui a mesma idade de construção do prédio.

CMEI Belchior Jorge DE Sá comemora uma década de atividades



Fonte: Foto: Manoel Barbosa/SME

O Centro Municipal de Educação Infantil Professor Belchior Jorge de Sá comemorou uma década de dedicação à educação infantil em um evento que se concentrou na homenagem ao patrono da unidade de ensino, realizada durante este sábado (16). O CMEI atende 211 crianças.

As crianças do CMEI não apenas celebraram a história e o legado do professor, mas também demonstraram a importância de sua influência na atual geração. Na mostra, as crianças mergulharam na vida e na obra do homenageado, destacando seu compromisso com a educação e o impacto duradouro na comunidade. Maquetes da casa do professor, que está localizada no município de São Gonçalo do Amarante (RN), foi exibida aos presentes, representando o espaço em que ele moldou muitas mentes.

A coordenadora pedagógica Janaina Assunção Campelo Lima, está no CMEI há nove anos. Ela conta que chegou na unidade de ensino um ano depois da fundação, e o quanto é emocionante poder fazer parte da história do CMEI por todo este tempo.

“Minha história no CMEI começou há anos. Era meu sonho trabalhar como professora aqui, porque essas crianças são maravilhosas e elas precisam de uma educação de qualidade. É justamente isso que tentamos fazer aqui todos os dias, e esse projeto que estamos mostrando sobre os 10 anos mostra justamente a importância de se ter uma educação de qualidade em uma comunidade como esta. É uma alegria fazer parte dessa história durante todo esse tempo”, destacou a professora.

A celebração não se limitou às apresentações e exposições. A participação dos pais responsáveis desempenhou um papel fundamental no evento. Todos se uniram em uma envolvente roda de canto, enchendo o espaço com música, e reforçando a importância da parceria entre escola e comunidade.

“Esta mostra cultural que celebrou o CMEI e homenageou o seu patrono, representa um marco na trajetória da escola, sendo uma lembrança viva do compromisso com a educação e a cultura local. Que esses 10 anos de sucesso sejam apenas o começo de uma jornada educacional ainda mais brilhante no futuro”, destacou a professora Elza Maria dos Santos.

O CMEI Professor Belchior Jorge de Sá não apenas proporcionou uma educação de qualidade durante uma década, mas também se destacou ao enraizar os valores e a história da cidade nas atividades pedagógicas. Agatha Raila Francisca Nunes, de cinco anos, contou como a professora ensinou sobre o conhecimento das ruas e da cidade do professor Belchior Jorge de Sá. “A professora me ensinou sobre os nomes das ruas da cidade de Belchior, e eu trabalhei isso tudo para apresentar na exposição da escola, eu também ajudei a fazer o galo de São Gonçalo, porque ele é o símbolo da cidade”, pontuou.

4.3 RECURSOS FÍSICOS DA ESCOLA

A escola possui (5) salas de aulas: (1) sala do AEE, (1) Secretaria que também funciona a direção, (1) biblioteca, (2) banheiros, (1) cozinha, (1) pátio, (1) caixa de areia, (1) parque externo, (1) parque interno, (1) caixa de areia.

4.4 TIPO DE PESQUISA

A pesquisa oscila entre quantitativa e qualitativa, realizada em campo. Segundo Kenechtel (2014,p.106) ao utilizar esse método caracterizado pela “[...] interpretação de informações quantitativas por meio de símbolos numéricos, enquanto os dados qualitativos são abordados por meio de observação, interação participativa e interpretação do discurso dos sujeitos, com enfoque na semântica.”

Sob a luz das ideias vemos como os dados qualitativos se completam com os quantitativos e envolvem todos os sujeitos em uma interação subjetiva, cujo o foco é o sentido das ideias na investigação dos dados.

A pesquisa se deu por questionários em dois módulos: (9) perguntas fechadas e (1) aberta para os professores da escola Belchior Jorge de Sá e o outro questionário: (2) perguntas, sendo (1) aberta e a outra fechada para os demais funcionários que também são pais, relacionadas ao acesso a literatura seja por biblioteca comunitária ou livraria.

4.5 MÉTODO DA PESQUISA

Pesquisa qualitativa, quantitativa e de cunho descritiva com o estudo de caso ao explorar o ambiente da escola CEMEI BELCHIOR JORGE DE SÁ. A abordagem será compreender como as

metodologias aplicadas verão no ensino atual o potencial de aprimoramento da prática ao detalhar as práticas pedagógicas do ensino de alfabetização ou letramento, observando as nuances do conteúdo focal.

Sobretudo o termo metodologia significa “estudo dos caminhos, dos instrumentos usados para se fazer ciência” (DEMO, 1995, P.11). Essa ferramenta instrumentaliza com métodos que viabilizam os caminhos para chegarmos próximos a ciência.

A cada descrição temos acesso ao detalhamento dos passos que sucedem a análise de dados, com métodos investigativos complementando ambas as pesquisas, sejam: quantitativas ou qualitativas e unem tudo a caracterização de dados que justificam o estudo científico.

A pesquisa em foco possui como objetivo geral fundamentar a importância da alfabetização e letramento, destacando práticas pedagógicas eficazes para o desenvolvimento inicial da linguagem escrita e leitura, especialmente para crianças não alfabetizadas e com diferentes níveis de letramento. E como objetivos específicos: Identificar estratégias de ensino que atendam às diferentes necessidades de crianças não alfabetizadas e com distintos níveis de letramento, analisar o papel da literatura infantil na base educacional, explorando como ela pode ser integrada de maneira efetiva para apoiar a alfabetização e letramento, Examinar a influência das práticas de contação de contos de fadas no desenvolvimento cognitivo, emocional e social das crianças na educação infantil, além de propor recomendações práticas para educadores e profissionais da educação visando otimizar a alfabetização e letramento na educação infantil

4.6 INSTRUMENTOS DE PESQUISA

Tabela 1: Os instrumentos de pesquisa foram os questionários e áudios.

Escola	Quantidades de questionários	Quantidades de áudios	total
	20	10	30

Fonte: acervo da pesquisadora (2024)

5. ANÁLISE E RESOLUÇÃO DOS RESULTADOS

5.1 LOCAL DA PESQUISA

O local da pesquisa foi a escola CMEI Belchior Jorge de Sá que foram aplicados 20 questionários para a amostra da pesquisa. Além disso, reunimos por meio da entrevista com a diretora sobre a história da escola, áudios.

A escolha deste ambiente educativo foi pelo método de ensino voltado para as contações de histórias, enfatizando a importância da leitura no processo de ensino da alfabetização e letramento.

A escola possui uma biblioteca diminuta, mas isso não impede que o trabalho com leitura seja efetivado. A equipe se empenha para que todos tenham acesso aos diferentes gêneros, desde as cantigas aos contos de fadas.

5.2. SUJEITOS DA PESQUISA

A escola estudada possui 10 docentes, que são cinco pela manhã e cinco no outro período. Além disso entrevistei também os demais funcionários. Os entrevistados não passaram por uma avaliação prévia.

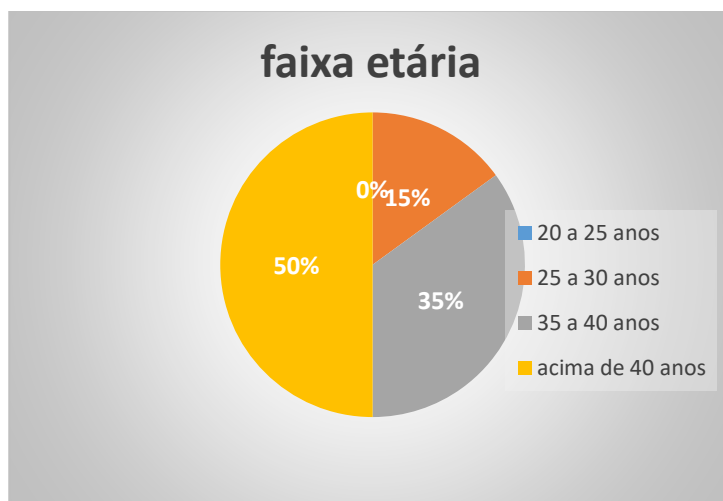
Tabela 2- quantidade de participantes da pesquisa

Escola	Quantidade de professores	Quantidade de outros profissionais	total
Belchior J. De Sá	10	10	20

Fonte: acervo da pesquisadora (2024)

5.3 COLETA DE DADOS

Gráfico 1: faixa etária



Fonte: acervo da pesquisadora (2024)

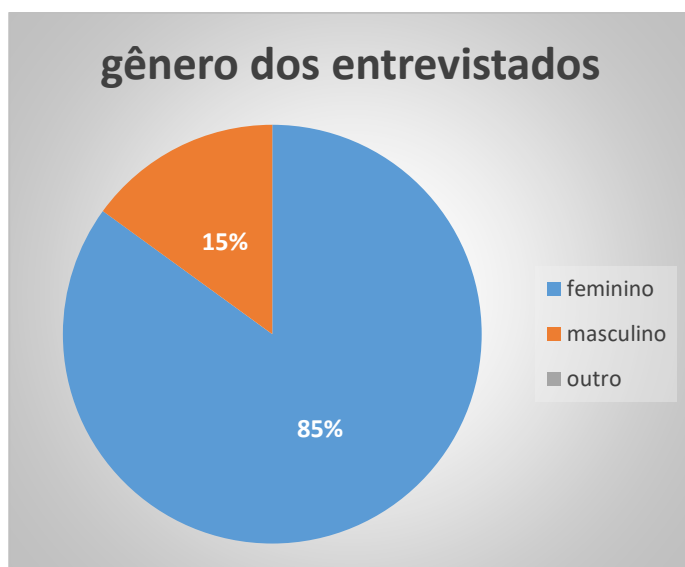
A primeira pergunta deste módulo foi sobre a faixa etária dos entrevistados, entre essas opções: 20 a 25 anos, 25 a 30 anos, 35 a 40 anos e acima de 40 anos. Nenhum dos candidatos tinham esse intervalo de idade dos 20 a 25 anos, cerca de 15% dos candidatos tinham entre 25 a 30 anos, no intervalo dos 35 a 40 anos, 35% e 50 % dos entrevistados tinham acima de 40 anos.

Vale ressaltar que a faixa etária representa um país com pessoas ativas que representam uma massa significativa acima de 40 anos e que retrata que configura um proletariado cada vez mais velhos, o que quer dizer que temos menos jovens ativos, contribuintes no mercado de trabalho. Isso remonta a taxa de natalidade que cada vez mais está em declínio.

Dados mais recentes do Instituto de Pesquisa e Estatística (IPEDF) mostram que, entre 2021 e 2022, apenas 5,3% dos acima de 60 anos estavam na População Economicamente Ativa (PEA). A diferença para a faixa etária de 30 a 59 anos, por exemplo, é discrepante — enquanto 65,2% desse público estão na PEA.(PEA, 2020-2021)

Vemos segundo os dados do PEA que numa população acima de 60 anos estava ativa no mercado de trabalho , o que comprova que o Brasil está ficando mais velho.

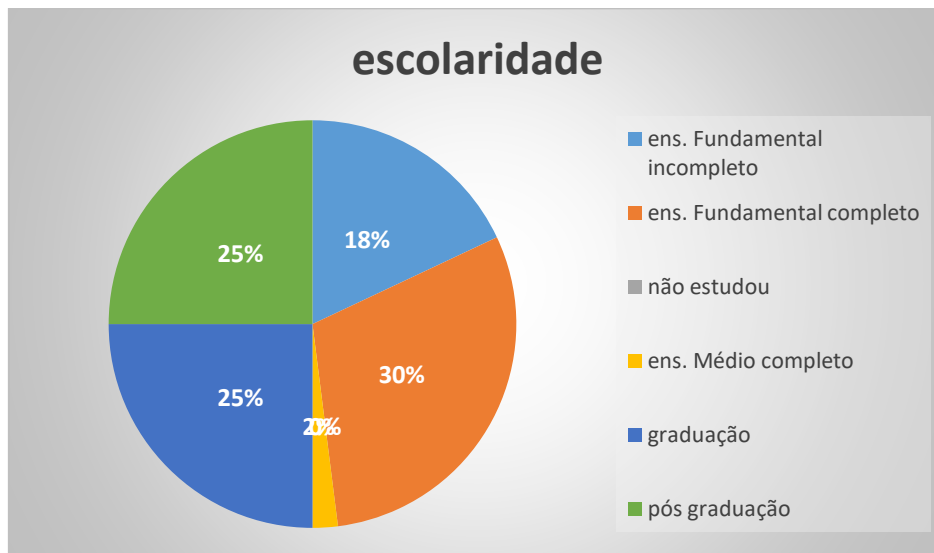
Gráfico 2: gênero dos entrevistados



Fonte: acervo da pesquisadora (2024).

O módulo I abordou as características mais abrangentes dos entrevistados. Nesse contexto, na segunda questão, investigamos o gênero dos participantes da pesquisa, indagando sobre sua identificação como do sexo masculino ou feminino. Destes, identificou-se que a maioria pertence ao sexo feminino, com uma porcentagem de 85% e a outra parte, ao sexo masculino, com 15 %.

Gráfico 3: ESCOLARIDADE

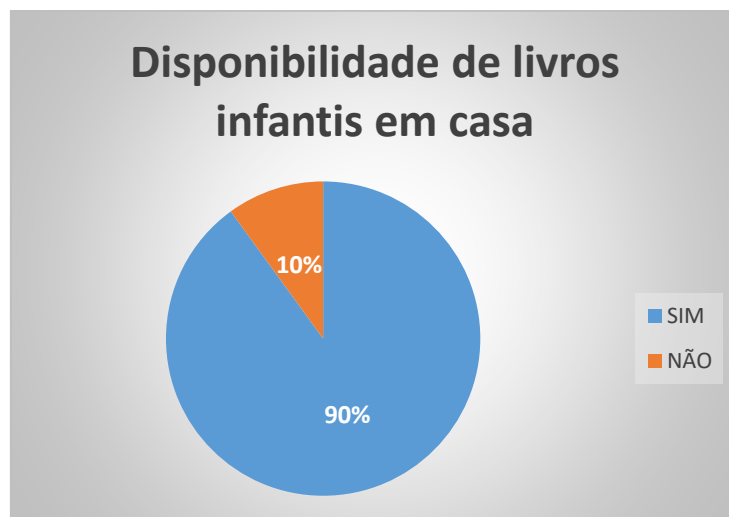


Fonte : acervo da pesquisadora (2024)

A pergunta número 3 deste módulo se referia a escolaridade dos candidatos. Cerca de 18% dos entrevistados tinham o ensino fundamental incompleto, 30% dos candidatos tinham ensino fundamental completo, 0% não estudou, 2% tinham ensino médio completo, 25% tinham graduação e 25% pós graduação.

O gráfico ilustrado mostra a diversidade em relação a escolaridade e ao acesso ao ensino democrático que se distribui de maneira diversa e este distanciamento a educação privilegiada retrata um cenário desigual brasileiro que se acentuou na pandemia e que afasta as pessoas da educação de qualidade.

Gráfico 4: DISPONIBILIDADE DE LIVROS INFANTIS EM CASA



Fonte: acervo da pesquisadora(2024)

A pergunta número 4 deste módulo questionava se os candidatos tinham disponibilidade de livros infantis em casa e 90% dos entrevistados responderam que sim, e os demais, não.

Gráfico 5: Ranking de livros por ano



Fonte: acervo da pesquisadora(2024)

Infelizmente vemos que o brasileiro não tem o hábito de comprar livros e de realizar leituras. Muito pouco provável de visitar livrarias ou bibliotecas. Por isso faz-se necessário a difusão da biblioteca na escola como Baldi(2009,p.18) coloca:

A modalidade de leitura que denominamos “biblioteca todos os dias “ faz desse espaço um local vivo na escola, frequentado sistematicamente e de formas produtivas pelas crianças. Um local que tem de estar acessível às crianças como um ambiente rico de estímulos, capaz de motivar suas descobertas em relação à leitura e propiciar um contato dinâmico com as suas práticas.

Assim, entendemos que precisamos formar as crianças como leitoras ativas para que tenhamos adultos conscientes. E que a leitura faça parte da rotina de diferentes públicos, de todas as camadas sociais e , sobretudo, um ato democrático do saber.

Gráfico 5: Ranking de livros por ano



Fonte: acervo da pesquisadora (2024).

A pergunta número 5, deste módulo, se refere ao ranking de livros por ano. 40% dos entrevistados não leem nenhum livro por ano, 40% 2 livros por ano, 20% entre 04 e 06 títulos por ano e 0% entre 6 e 10 livros por ano.

De acordo com Marcuschi (2001) a escola precisa incentivar a escrita e a oralidade por meio do espaço garantido na sala de aula. Não podemos negar que por vezes a instituição de ensino tem se preocupado se o aluno de fato escreve e esquece-se de percebê-lo como sujeito crítico. Sobre esse problema questiona:

O papel central da escola é ensinar a escrita. Tanto assim que, com facilidade e desenvoltura, conseguem selecionar textos escritos (...), no entanto, a inserção de reflexões e dados sobre a língua falada afigura-se penosa. Claudicam a teoria, a terminologia e as observações empíricas. Os autores de manuais didáticos, em sua maioria, ainda não sabem onde e como situar o estudo da fala. A visão monossilábica da língua leva a postular um dialeto de fala padrão calcado na escrita, sem maior atenção para as relações de influências mútuas da fala e escrita. Certamente não se trata de ensinar a falar. Trata-se de identificar a imensa riqueza e variedade de usos da língua. Talvez, a melhor maneira de determinar o lugar de estudo da fala na sala de aula seja especificando os aspectos nos quais um tal estudo tem a contribuir.(MARCUSCHI,2001,p.24)

Segundo o autor supracitado o espaço educacional prioriza a escrita em detrimento da oralidade, o que dificulta a alfabetização e a importância de fala do alunado que necessita ser levada em conta. A oralidade precisa ser considerada em fala para o estímulo a interpretação, compreensão textual e o desenvolvimento do senso crítico.

As narrativas presentes nos livros de Literatura Infantil contam uma experiência de vida e essa “fantasia do real” permite uma identificação entre o narrador e o ouvinte, constituindo-se repleta de significados. O leitor/ouvinte é capaz de apossar-se dela de modo a torná-la a sua própria história, e dessa forma superar os conflitos, angústias e medos, ou seja, a criança, ao ouvir um conto, é capaz de transportar-se para ele e viver sua própria história em função do que lhe foi narrado, adquirindo tranquilidade para compreender seus sentimentos, seu lugar, e para resolver seus conflitos.(SOUZA, 2011, p.103)

Sobretudo, a literatura como fora colocada pela estudiosa funciona como estabilizadora dos sentimentos proporcionados seja pela leitura ouvida ou pronunciada. Essa “fantasia real” realça a presença do narrador e o ouvinte com vários sentidos. O leitor ou ouvinte se apossa a tornando como parte da sua vida.

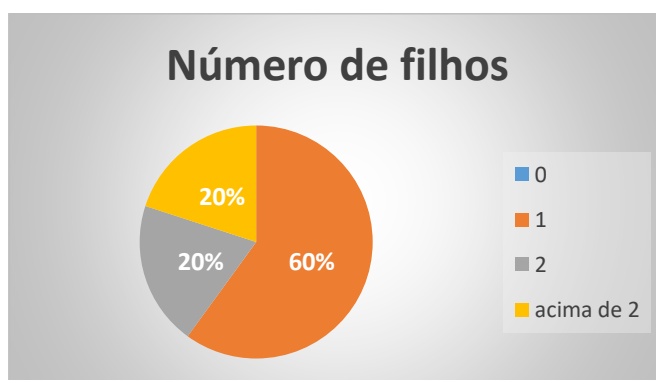
Gráfico 6: você tem filhos?



Fonte: acervo da pesquisadora (2024)

No gráfico 6, vemos o quantitativo de candidatos que possuem filhos, mas também podemos ter acesso ao percentual que não possui descendentes. Assim, podemos analisar que a taxa de natalidade representada nessa determinada amostra não só representa esse momento, mas sabemos o quanto as mulheres diminuíram a quantidade de filhos a nível nacional.

Gráfico 7: Número de filhos



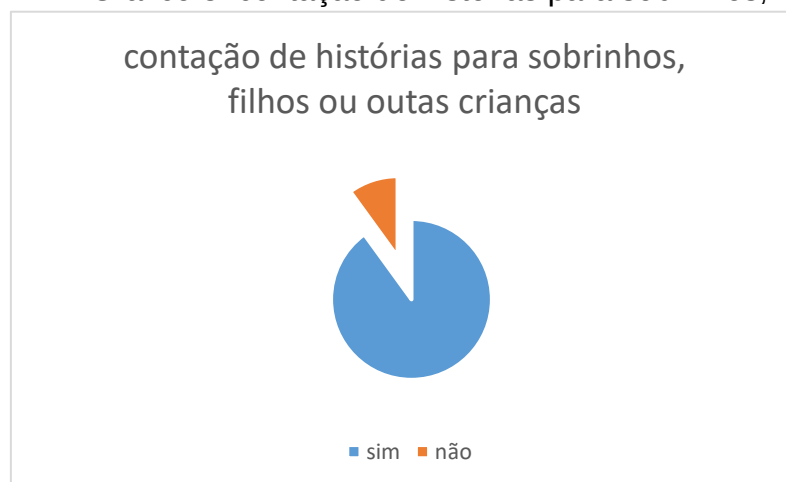
Fonte: acervo da pesquisadora (2024)

A pergunta número 7, deste módulo, se refere ao número de filhos dos entrevistados. Cerca de 60% tem 1 filho, 20% tem 2 filhos e 20% tem acima de 2 filhos.

Dados de 2021 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística registraram um recorde de mortes, o maior desde 1974, e queda de nascimentos, a maior desde 2003. “Ao contrário do que foi feito no último governo, é preciso levar a sério essas informações estatísticas que órgãos públicos brasileiros produzem. Elas são ouro para a gente implementar políticas públicas de maneira mais eficiente, de maneira mais ampla”, comenta o professor Fábio Betioli Contel, do Departamento de Geografia Humana da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. Para o profissional, pode-se ressaltar dois pontos importantes para esses processos: a pandemia e a queda da taxa de fecundidade.(IBGE,2021)

Conforme os dados apontam a queda de natalidade se dá em decorrência ao declínio da fecundidade e a pandemia que impactou no planejamento familiar o que nos remete ao impacto financeiro a vida das pessoas. Ademais vemos como a relatividade do impacto da saúde é um problema social.

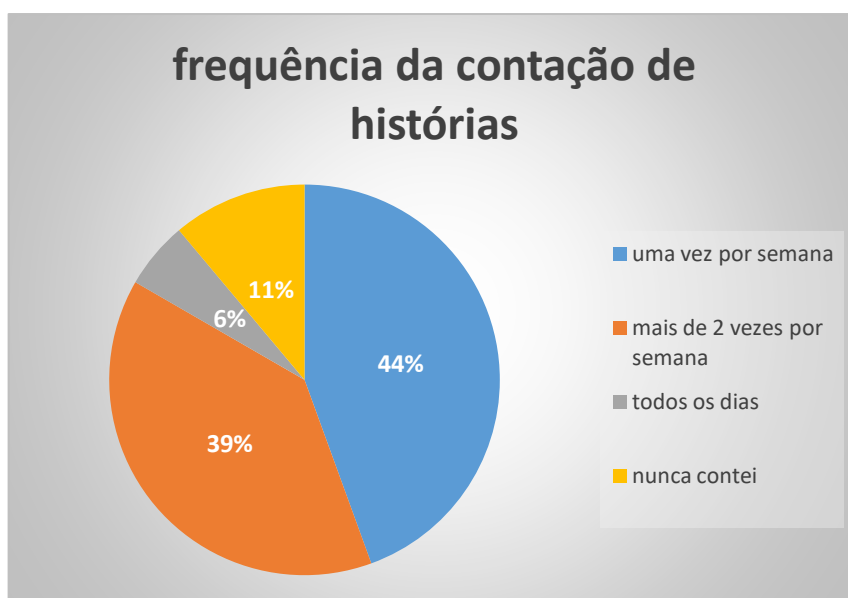
Gráfico 8: contação de histórias para sobrinhos, filhos...



Fonte : acervo da pesquisadora (2024)

A pergunta número 08 deste módulo se refere a contação de histórias para sobrinhos, filhos ou outras crianças. Cerca de 90 % contam histórias e 10% nunca contaram.

Gráfico 09: A frequência em que se conta histórias



Fonte: acervo da pesquisadora (2024)

A pergunta número 09 deste módulo, 44 % leem uma vez por semana, 39% leem mais de 2 vezes por semana, 6% todos os dias e 11% nunca contaram.

Baldi (2009, p.09) relata que precisamos quebrar o paradoxo de discursos vazios em relação a prática leitora e que como docentes, coordenadores e diretores em aderirem a leitura como parte de suas vidas profissionais.

Como professores, coordenadores e diretores precisamos, por exemplo, romper com uma contradição histórica da escola relativa à incoerência ou distância entre o seu discurso e a sua prática: O discurso recentes das propostas pedagógicas e dos professores tem sido favorável ao desenvolvimento da capacidade e do gosto pela leitura, mas ainda esbarra numa prática em que essa atividade tem pouquíssimo espaço efetivo ou se utiliza de formas tradicionais de exploração, o que inviabiliza a concretização de suas intenções, tornando-o apenas mais um dos discursos vazios da escola.

Sob esse ponto vemos como a atividade leitora tem pouquíssimo espaço na sala, o que inviabiliza a conclusão de fato do que é proferido pela equipe escolar. Ela pontua que:

Para isso, antes de mais nada, é preciso clareza sobre a questão, o que fortalece a consciência e permite um posicionamento firme ao optar por medidas tão simples quanto decisivas, como a de instituir na escola para todas as turmas, um momento de leitura diária.(BALDI, 2009, p.10)

Sendo assim, observamos como a autora defende uma prática decisivas, tornando o momento da leitura como algo comum a todos no prédio educacional. A gestão precisa fortalecer o sentimento de amor pela literatura. É notório como a consciência em torno da importância da leitura precisa ser cultivada aos poucos e fluir nas cabeças de todos os profissionais citados anteriormente.

A formação dos docentes precisa ser urgente para quebrar qualquer resistência que possa surgir em torno da atividade de inserção dos livros como parte integrante da metodologia didática dos mestres que fazem a educação do nosso país.

Tabela 3: a importância da literatura para a alfabetização das crianças da Educação Infantil

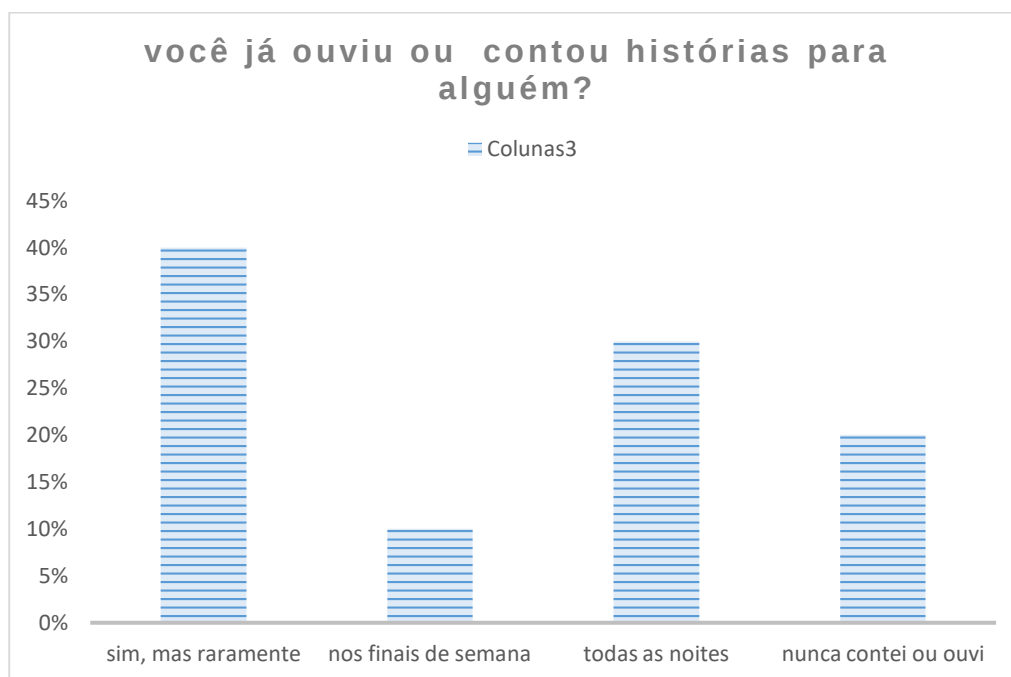
Respostas dos candidatos	percentual
A literatura como parte essencial para a alfabetização	90%
Não fundamental para a alfabetização Infantil	10%

Fonte: acervo da pesquisadora(2024)

A pergunta número 10, do módulo 1, é aberta e mesmo tendo o percentual negativo diante do expressivo número positivo é triste ver (1) profissional desconsidera a literatura como importante.

O módulo 2 é destinado aos candidatos que representam as outras profissões, tais como: asgs, cozinheiras, porteiros e secretários da escola citada.

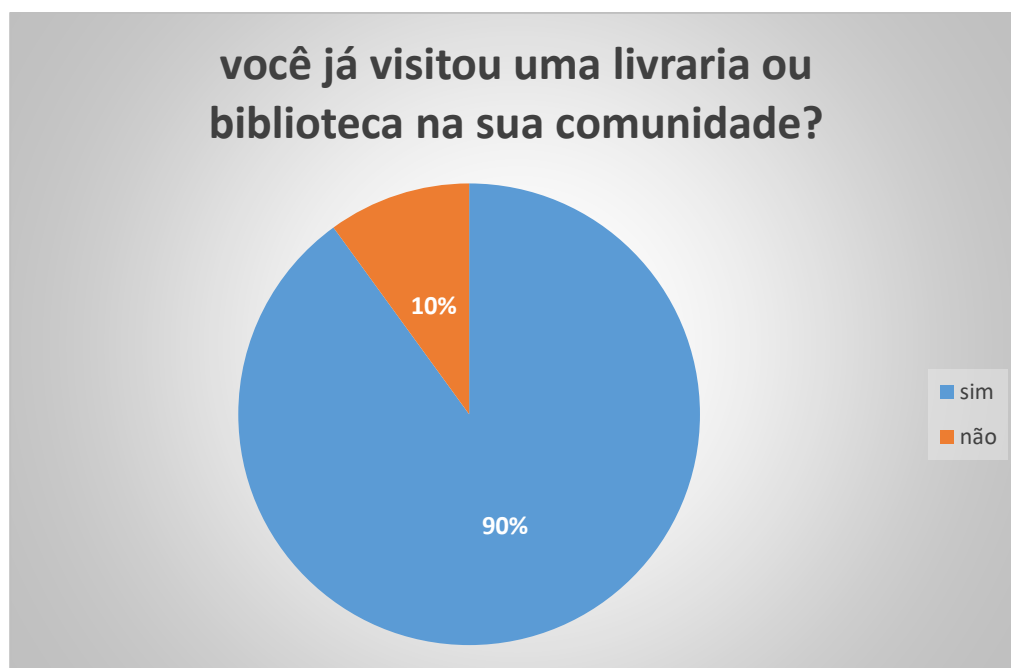
Gráfico 10: Os candidatos que já ouviram alguma história literária ou contaram para alguém.



Fonte: acervo da pesquisadora (2024)

Neste módulo 2, vemos como a falta de acesso a leitura e contação de histórias refletiram nos dados. Numa amostragem de 10 candidatos cerca de 40% responderam que sim, mas raramente, 10% nos finais de semana, 30% todas as noites e 20% nunca contaram ou ouviram

Gráfico 11: você já visitou uma livraria ou biblioteca na sua comunidade?



Fonte: acervo da pesquisadora (2024)

Neste módulo 2, dos candidatos questionados numa amostragem de 10 profissionais, cerca de 90% das pessoas responderam que já visitaram uma biblioteca ou livraria na sua comunidade, mas 10% afirmaram nunca terem entrado nestes estabelecimentos.

A importância social da escola como formadora de leitores é primordial. Assim, vemos como Souza(2011, p.110) afirma:

Assim, é preciso que a escola incorpore a literatura e que o professor utilize bons livros em suas aulas, já que muitas crianças não têm contatos com livros e com a literatura fora desse ambiente. A escola poderia utilizar mais cotidianamente o conto de fadas, pois o fato de as crianças gostarem do gênero para facilitar a aprendizagem sendo que essas práticas educativas significativas contribuem para a formação humana.

É visível como os contos precisam se tornarem acessíveis e palpáveis para as crianças de maneira atrativas para que, justamente, facilitem aprendizagem e garantam a definitiva conexão do alunado com a leitura. E conseqüentemente mudem as suas prioridades e programas ao procurarem lugares onde os livros moram.

CONCLUSÃO

O objetivo desta pesquisa foi alcançado, identificando o potencial de influência dos contos de fadas no desenvolvimento integral da criança, com ênfase nos aspectos cognitivos, emocionais e sociais e os impactos positivos dessas práticas na promoção da alfabetização e letramento para as crianças de Natal, RN, à cerca da aprendizagem e desenvolvimento da aprendizagem dos aprendentes, por meio de uma pesquisa quantitativa, qualitativa e de campo.

É notório as contribuições do acesso a literatura infantil para os pequenos ouvintes e leitores que por muitas vezes podem não decodificar palavras, inicialmente, mas através da audição e oralidade podem desbravar o mundo como contadores de histórias. Esse reconto de narrativas possibilitam um acesso ao mundo das palavras de maneira consciente.

Vale ressaltar que os docentes precisam estar atentos a inserção da rotina literária na sala de aula, assim como a gestão do prédio educativo necessita dar orientações acerca da leitura com entonação das vozes dos personagens, o teatro e a encenação de textos tão importantes para a formação dos estudantes. Esse conhecimento adquirido também em formações possibilita a reciclagem de muitos profissionais que estão desatualizados. A escola em questão possui um pequeno teatro em MDF, fantoches e livros com diversos gêneros e a rotina com contações de histórias é priorizada.

Foram abordadas nesta pesquisa temas sobre a evolução dos contos de fadas, a concepção da oralidade e a consciência da mesma para o reflexo na escrita, a infância e a fantasia, as contribuições do gênero narrativo para a alfabetização da educação infantil. Ademais, a fase edipiana, a maturidade alcançada com o acesso aos contos, a consciência fonológica, o aprendente e os idiomas, que seriam as formas de aprendizagens singular a cada indivíduo. Para não se esquecer da base educacional e as suas determinações de aprendizado para cada fase, os problemas de aprendizagens, os irmãos Grim e atuação deste gênero no psicológico do infante.

As maiores dificuldades para realizar o estudo de campo foi relacionado ao deslocamento para o prédio educativo já que moro distante, mas foi com muito prazer

que me debrucei sobre os questionários e objetos de estudos a fim de reunir as informações precisas para essa pesquisa aqui já mencionada.

Conclui-se que a literatura infantil possui efeitos positivos para a cognição do pequeno leitor e que isso não se limita apenas a ele, mas a todos a sua volta e percebemos como ser humano possui essa necessidade em busca da oralidade e comunicação, o que também o torna o ser racional das suas ideias, como fora citado no livro: Antes de Adão, no capítulo I.

Sobretudo nota-se que com esse trabalho que promover os círculos de leitura é crucial para a evolução de aprendizado dos alunados envolvidos no processo de aprendizado. Vale lembrar que cada criança é singular ao conhecimento e este ocorre de diferentes maneiras, mas que também são despertados.

Sob essa perspectiva vemos como o disseminar da leitura ocorre com diferentes metodologias, na alfabetização e letramento que além da decodificação requer que o aprendente faça o uso social desta decodificação atrelando a interpretação textual da palavra representada.

Portanto, abordar sobre a literatura é uma tentativa de torná-la democrática ao acesso de todos e que o livro se torne o presente de opção unânime de todos os públicos. Além disso, formar leitores críticos é uma manifestação do poder de transformação da educação nas vidas de todos que são tocados pela magia da palavra contada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Vera Teixeira; BORDINI, Maria da Glória. **Literatura: a formação do leitor; alternativas metodológicas.** Porto Alegre, Mercado Aberto, 1988.

AURELIO, **O mini dicionário da língua portuguesa.** 4a edição revista e ampliada do mini dicionário Aurélio. 7a impressão – Rio de Janeiro, 2002.

BALDI, Elizabeth. **Leitura nas séries iniciais: uma proposta para formação de leitores de literatura.** / Elizabeth Baldi.- Porto Alegre: Editora projeto, 2009.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas/** Bruno Bettelheim: Tradução de Arlene Caetano._ 30 edição_ São Paulo: paz e terra. 2015.

BRASIL. **Base Nacional Comum: A educação é a base,** 2017.470p.

Corso, Diana Lichhtenstein. **Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis/** Diana Lichtenstein, Mario Corso._ Porto Alegre: Artmed, 2006. 328p.

DARNTON, Robert. **O grande Massacre dos Gatos.** Rio de Janeiro: Graal,1996.

IVI, Ivan. Lev Semionovich Vygotski / Ivan Ivic ; Edgar Pereira Coelho (org) – Recife: fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

FERNANDEZ, Alícia. **O s idiomas do aprendente:** análise de modalidades de ensinantes em famílias, escolas e meios de comunicação/ Alicia Fernandez; trad.Neuza Kern E Regina Orgler Sordi.- Porto Alegre: Artmed Editora,2001.Z,

FRANZ, Marie-Louise Von,1915-1998. Significado dos motivos de redenção dos contos de fadas: um estudo arquetípico sobre conflitos e problemas de relacionamentos/ Marie-Louse Von Franz; tradução Álvaro Cabral .- 2 ed.- São Paulo: Editora Cultrix, 2021.-(biblioteca Cultrix de psicologia Junguiana).

FREIRE, Paulo. **Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra.** / Paulo Freire, Donald Macedo; tradução Lólio Lourenço de Oliveira- Rio de Janeiro: Paz e terra, 2011.

GIL, Antônio Carlos;1946_Como elaborar projetos de pesquisa/Antonio Carlos Gil_4.ed._São Paulo:Atlas, 2002.

GUERRA, Isabel Carvalho. Pesquisa quantitativa e análise de conteúdo- sentidos e formas de uso. 1 ed._junho de 2006.

GRIM, Jacob. Contos de fada dos irmãos Grimm/ irmãos Grimm; traduzido por thalita Uba.- Jnadira, SP: Principis, 2019.304p.;16cmx23cm.

Kramer, Sonia. **Alfabetização, leitura e escrita**: formação de professores em curso. / Sonia Kramer – São Paulo. Ática, 2010.

LAJOLO, Marisa. ZILBERMAN, Regina. Literatura Infantil brasileira: história e histórias.5. ed. São Paulo, Ática, 1991.

LAKATOS, Eva Maria. Fundamentos de metodologia científica/ Marina de Andrade Marconi, Eva Maria Lakatos-5ed. _São Paulo: Atlas 2003.

LONDON, Jack. Antes de Adão. Trad. Maria Inês Arieira e Luiz Fernando Brandão. Porto Alegre: LePM, 1999.

METZGER, Hannah; WANDERER, Sina; ROESSNER, Veit. Transtornos de Tique. **Tratado de Saúde Mental da Infância e Adolescência da IACAPAP**, Paris, s/v., n. 2, p. 1-16, dez. 2020.

MORAIS, Arthur Gomes de. Consciência Fonológica na Educação Infantil e no ciclo de alfabetização/Arthur Gomes de Moraes.- 1 ed., 2 reimp.-Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020.

MUNARI, Alberto. Jean Piaget / Alberto Munari; tradução e organização: Daniele Saheb. – Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

PENNART, Geoffroy de, 1951_**Chapeuzinho redondo**/ texto e ilustrações de Geoffroy de Pennart; tradução Gilda de Aquino. 1. Ed._ São Paulo: Brinque-Book, 2012. 36p.

PEREIRA, Adriana Soares. Metodologia da pesquisa científica(recurso eletrônico)/ Adriana Soares Pereira. (etal)._.1. ed_ Santa Maria . RS: UFSM, NTE, 2018.

SEVERINO, Antonio Joaquim,1941_Metodologia do trabalho científico/ Antonio Joaquim Severino._23.ed.rev. e atual._São Paulo: Cortez, 2007.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**/ Isabel Solé; trad. Cláudia Schilling_ 6 ed._ Porto Alegre: Artmed, 1998.

SOUZA, Renata Junqueira. Leitura Literária na escola: reflexões e propostas na perspectiva do letramento/ Renata Junqueira de Souza Berta Lúcia Tagliari (organizadoras)._ Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011.

TEIXEIRA, Nádia França. Metodologias de pesquisa em educação: possibilidades e adequações. Caderno pedagógico, Lajeado, v. 12, n.2, p.7-17, 2015.

VYGOTSKY, L.S. **La imaginación y el arte en la infancia**(ensayo psicológico). México, Ed. Hispanicas,1987b.

Disponível em: <https://www.cmnat.rn.gov.br/p/cidade-do-natalacesso> em:11/06/2024 às 23:25

Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/natal.htmacesso> em 13/06/2024 às 17: 51 minutos

Disponível em: <https://www.natal.rn.gov.br/news/post2/39640acesso>: 14/06/24 às 13:00 horas

Disponível em: <https://jornal.usp.br/radio-usp/ibge-registra-queda-da-taxa-de-natalidade-no-brasil/acesso> em: 14/06/2024 às 17:42 minutos

Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/cidades-df/2024/05/6853609-populacao-acima-dos-60-anos-busca-mais-espaco-no-mercado-de-trabalho.htmlacesso> em:14/06/24 às 19:14 minutos.

SOBRE A AUTORA

Em 2020, Concluí o curso de graduação em Pedagogia(FACEN), em 2021, realizei o curso de especialização em alfabetização e letramento pelo Instituto Cultus (FAVENI), em 2023 conclui a especialização em PSICOPEDAGOGIA INSTITUCIONAL E CLINICA pela FACEN, neste mesmo ano também conclui o curso de especialização em EDUCAÇÃO ESPECIAL pela FACEN, em junho de 2024 conclui o mestrado em CIÊNCIAS EDUCACIONAIS pela WORLD ECUMÊNICAL e estou cursando a minha 2 graduação em LETRAS-PORTUGUÊS pela UNOPAR. **(Texto informado pelo autora)**